



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Dissertação de Mestrado

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA SOCIOSSEXUALIDADE E FUNÇÃO SEXUAL DE
HOMENS DE DIFERENTES ORIENTAÇÕES SEXUAIS

Maria Luíza Rodrigues Sampaio de Souza

Brasília, julho de 2019



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA SOCIOSSEXUALIDADE E FUNÇÃO SEXUAL DE
HOMENS DE DIFERENTES ORIENTAÇÕES SEXUAIS

Maria Luíza Rodrigues Sampaio de Souza

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências do Comportamento (Área de concentração: Cognição e Neurociências do Comportamento).

Orientador: Prof. Dr. Mauro Dias Silva Júnior

Brasília, julho de 2019

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Mauro Dias Silva Júnior (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dr. Victor Shiramizu (Membro externo)

Face Research Lab

Universidade de Glasgow

Prof. Dr. Francisco Dyonísio Mendes (Membro interno)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Universidade de Brasília - UnB

Profa. Dra. Maria Ângela Guimarães Feitosa (Membro suplente)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Universidade de Brasília - UnB

Este trabalho teve apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de concessão de bolsa de Mestrado.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Edson e Eleusina, pelo investimento contínuo em minha educação.

A ignorância gera mais frequentemente confiança do que o conhecimento: são os que sabem pouco, e não aqueles que sabem muito, que afirmam de uma forma tão categórica que este ou aquele problema nunca será resolvido pela ciência

Charles Darwin

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu orientador, Mauro, por sempre ter acreditado e depositado confiança em mim ao longo desses anos.

Meu sincero agradecimento ao meu amigo, Marcos, por todo suporte, paciência e amizade. Sem sua ajuda a concretização desta dissertação não seria possível.

Agradeço também aos meus parceiros de mestrado, Adna e Léo, por toda ajuda e incentivo. E às minhas amigas Maria, Ingrid e Camila, com quem compartilhei preocupações nessa reta final.

Desejo agradecer igualmente ao meu companheiro, Pedro Henricque, por sempre estar ao meu lado e por sempre me apoiar em minhas decisões. Sua paciência e companheirismo foram essenciais nesse processo.

Meu agradecimento especial aos meus pais, por todo suporte necessário para a realização deste trabalho. Obrigada pelo amor incondicional.

E, por fim, agradeço aos funcionários da secretaria do Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Daniel Milke e Daniel Lima, que sempre foram prestativos e solícitos.

Índice

Índice	viii
Lista de Figuras	xi
Lista de Tabelas.....	xii
Resumo.....	xiii
Abstract	xiv
Apresentação	15
Introdução Geral.....	16
Sociossexualidade.....	19
Sociossexualidade e Diferenças Inter e Intrassexuais	19
Sociossexualidade e Qualidade da Resposta Sexual	21
Referências	23
Capítulo 1: Depois de 20 anos de pesquisa pouco sabemos sobre a sociossexualidade de homens homossexuais e bissexuais: Uma revisão sistemática.....	27
Resumo.....	28
Abstract	29
Introdução.....	30
Método	36
Critérios de Elegibilidade	36
Fontes de Informação	36
Estratégia de Busca.....	37
Seleção dos Estudos.....	37
Processo de Coleta de Dados.....	37
Lista de Dados	37
Resultados e Discussão	37

Seleção de Estudos	37
Descrição dos Instrumentos.....	41
Sociossexualidade e Orientação Sexual	41
Diversidade Populacional das Amostras	45
Conclusão	45
Referências	48
Capítulo 2: Sociossexualidade e Função Sexual: Investigação com Homens de Diferentes	
Orientações Sexuais e Status do Relacionamento.....	54
Resumo.....	55
Abstract	57
Introdução.....	58
Método	64
Participantes.....	64
Instrumentos	65
Procedimento	67
Análise de Dados	67
Resultados	68
Sociossexualidade, Status do Relacionamento e Orientação Sexual.....	68
Performance Sexual de Homossexuais e Sociossexualidade	69
Sociossexualidade como Preditor da Função Sexual	70
Discussão.....	79
Conclusão	84
Referências	86
Considerações Finais.....	89
ANEXOS.....	91

Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	92
Anexo B: Questionário sócio demográfico	94
Anexo C: Grade de Orientação Sexual de Klein.....	96
Anexo D: Índice de Função Sexual Masculina	97
Anexo E: Inventário de Orientação Sociossexual Revisado (SOI-R).....	102

Lista de Figuras

Manuscrito 1

<i>Figura 1.</i> Fluxograma da revisão sistemática.	38
--	----

Lista de Tabelas

Manuscrito 1

Tabela 1 <i>Estudos sobre Sociossexualidade em Homens Heterossexuais, Homossexuais e Bissexuais</i>	39
---	----

Manuscrito 2

Tabela 1 <i>Estatísticas Descritivas da composição da amostra, e dados socioeconômicos</i>	64
Tabela 2 <i>Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Sociossexualidade—Fator Comportamento</i>	71
Tabela 3 <i>Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Sociossexualidade—Fator Atitude</i>	72
Tabela 4 <i>Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Sociossexualidade—Fator Desejo</i>	73
Tabela 5 <i>Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Sociossexualidade—Geral</i>	74
Tabela 6 <i>Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo o Desejo (MSFI)</i>	75
Tabela 7 <i>Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Excitação (MSFI)</i>	76
Tabela 8 <i>Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Satisfação (MSFI)</i>	77
Tabela 9 <i>Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo o Orgasmo (MSFI)</i>	78

Resumo

A homossexualidade consiste nas diferenças individuais na maior ou menor disposição das pessoas se engajarem em sexo sem compromisso. Diversos estudos demonstram diferenças na homossexualidade de homens e mulheres, com homens, em média, apresentando mais irrestrição sexual do que as mulheres. Em relação a diferentes orientações sexuais em indivíduos do sexo masculino, sabe-se que homens homossexuais e bissexuais reportam mais irrestrição no comportamento homossexual que heterossexuais. A homossexualidade pode ser pensada como um aspecto da sexualidade humana, tema recorrentemente estudado na literatura. Do ponto de vista evolutivo, sabe-se que a relação sexual com êxito é condição necessária para a reprodução. Assim, não é raro encontrar estudos sobre problemas na função sexual. Especificamente no caso de homens, comumente se investiga problemas de disfunção erétil e ejaculação precoce. Tal perspectiva acaba ignorando aspectos psicológicos subjacentes a função sexual. Considerando isso, o presente trabalho buscou investigar, dentro da perspectiva da Psicologia Evolucionista, o comportamento sexual de homens de diferentes orientações sexuais. Investigou-se a relação entre homossexualidade e função sexual. Notou-se que embora a homossexualidade seja investigada há mais de vinte anos, os estudos com homossexuais e bissexuais continuam escassos, resultando no desconhecimento sobre práticas e comportamentos dessa população. Encontrou-se que heterossexuais foram mais restritos que homossexuais e bissexuais. Ademais, indivíduos mais irrestritos apresentaram maiores níveis de desejo, excitação, orgasmo e satisfação. Apesar dos indivíduos terem predisposições típicas da história evolutiva da espécie para a atividade sexual, fatores ontogenéticos permitem explicar a variabilidade individual no comportamento sexual.

Palavras-chave: homossexualidade, função sexual, homens, orientação sexual

Abstract

Sociosexuality is the willingness to engage in uncommitted sex. Several studies show differences in sociosexuality of men and women, with men on average having more sexual unrestriction than women. Regarding different sexual orientations in male individuals, it is known that homosexual and bisexual men report more unrestriction than heterosexual. Sociosexuality can be thought of as an aspect of human sexuality, a theme recurrently studied in the literature. From an evolutionary perspective, successful intercourse is a necessary condition for reproduction. Thus, it is not uncommon to find studies on problems with sexual function. Specifically in the case of men, problems of erectile dysfunction and premature ejaculation are commonly investigated. Such a perspective ends up ignoring psychological aspects underlying sexual function. Considering this, the present study sought to investigate, within the perspective of evolutionary psychology, the sexual behavior of men of different sexual orientations. The relationship between sociosexuality and sexual function was investigated. Although sociosexuality has been investigated for over twenty years, studies with homosexuals and bisexuals remain scarce, resulting in the lack of knowledge about practices and behaviors of this population. Moreover, although individuals have typical predispositions of the evolutionary history of the species to sexual activity, ontogenetic factors explain the individual variability in sexual behavior.

Keywords: sociosexuality, sexual function, men, sexual orientation

Apresentação

O presente trabalho buscou investigar, dentro da perspectiva da Psicologia Evolucionista, o comportamento sexual de homens de diferentes orientações sexuais. Considerou-se os aspectos da sociossexualidade (maior ou menor disposição de se engajar em sexo casual) e da função sexual, avaliada por um instrumento validado para língua portuguesa, abrangendo os domínios do Desejo sexual, Excitação, Ereção, Orgasmo e Satisfação. A função sexual apresenta-se de especial relevância, porquanto é frequentemente abordada por um viés patológico. A maioria dos estudos sobre função sexual é feita com amostras clínicas e, especialmente no caso de homens homossexuais, com portadores de HIV. Além disso, foi considerado que nas relações sexuais e amorosas entre homens há diversidade entre nas performances sexuais preferidas, na qual é possível um homem apresentar desde uma performance exclusivamente insertiva (penetrar o parceiro) até exclusivamente receptiva (ser penetrado pelo parceiro). Nesta pesquisa, compreendeu-se a função sexual como parte da sexualidade humana, como uma expressão desta dimensão, influenciada pela interação entre variáveis ambientais, variáveis relativas ao sexo masculino e orientação sexual.

Este trabalho é composto por uma introdução geral e dois capítulos. Na introdução geral, são abordados os principais conceitos deste trabalho que serão discutidos mais detalhadamente nos capítulos seguintes. O primeiro capítulo consiste em um artigo de revisão sistemática da literatura, utilizando o método PRISMA, sobre sociossexualidade em homens, especialmente a sociossexualidade de homens homossexuais e bissexuais. Buscou-se examinar esse conceito e verificar a partir de quando os estudos sobre sociossexualidade consideraram diferentes orientações sexuais na amostra. O segundo capítulo, por sua vez, consiste em um artigo empírico buscando relacionar a função sexual com a sociossexualidade, orientação sexual e performance sexual dos participantes. Ao final, apresento uma discussão geral/considerações finais sobre o conjunto de dados discutidos nos dois capítulos.

Introdução Geral

A Teoria da História de Vida (THV) é um ramo da ecologia e da biologia evolutiva que busca explicar como os organismos alocam tempo e energia, otimizando sua sobrevivência e reprodução em virtude dos desafios ecológicos impostos pelo meio ambiente (predadores, disponibilidade de alimentos etc.). No campo da Psicologia, a THV é usada para explicar diferenças individuais: porque pessoas se comportam de maneiras diferentes em um mesmo ambiente. A aplicação dessa teoria vem crescendo justamente por evidenciar a interação entre fatores ambientais e genéticos na expressão de determinado comportamento. Dentro dessa perspectiva, o desenvolvimento humano é compreendido a partir da interação entre indivíduo e ambiente, permeada fatores de riscos e proteção que irão desencadear diferentes comportamentos em diferentes pessoas (Ceconello & Koller, 2000; Seidl de Moura & Ribas, 2009).

Atualmente, a THV já oferece um modelo explicativo integrado para diversos comportamentos, inclusive grandes questões da Psicologia, como a personalidade (Dunkel & Decker, 2009; Simpson, Griskevicius, & Kim, 2012) e motivação (Kenrick, Griskevicius, Neuberg, & Schaller, 2010). Recentemente, os traços de personalidade maquiavelismo, psicopatia e narcisismo vêm sendo correlacionados às estratégias de desenvolvimento específicas, associadas à imprevisibilidade do ambiente (Jonason, Koenig, & Tost, 2010). Ambientes mais imprevisíveis também afetam as estratégias sexuais dos indivíduos. A escassez de recursos vem sendo associada a um ciclo de vida marcado por uma maturidade sexual precoce (Keller, 1996; Trivers, 1974).

A THV prevê que características físicas e comportamentais permitem que o indivíduo distribua seus recursos de maneira mais eficaz (isto é, que favorece sua aptidão) no seu ambiente de desenvolvimento (Olderbak & Figueredo, 2010). Tais características podem indicar estilos de estratégias de desenvolvimento diferentes, classificadas em um contínuo de

estratégias rápidas a estratégias lentas. As estratégias rápidas são caracterizadas por uma maturação precoce do indivíduo, início da atividade sexual mais cedo, relacionamentos de curto prazo mais frequentes e menor investimento parental¹ em seus filhos. As estratégias lentas, por sua vez, estão associadas a um atraso na puberdade, retardo do início da atividade sexual, preferência por relacionamentos de longo prazo e maior investimento parental nos filhos (Gladden, Figueredo, & Jacobs, 2009; Olderbak & Figueredo, 2010; Shiramizu, 2016).

Pode-se entender as estratégias de história de vida como soluções adaptativas para as restrições impostas pelo ambiente físico (e.g., recursos limitados) e social (i.e., investimento parental), e também para a imprevisibilidade do ambiente de desenvolvimento. Considerando tais restrições, diz-se que os recursos de um indivíduo são distribuídos em esforço somático e esforço reprodutivo. O esforço somático é caracterizado por aspectos como crescimento, sobrevivência e atividades desenvolvimentais (e.g., prática de exercícios físicos, brincadeiras). Já o esforço reprodutivo diz respeito ao esforço de acasalamento (encontrar um parceiro e gerar uma prole), ao esforço parental (investir recursos em uma prole já existente) e ao esforço nepotizado (investir recursos em parentes) (Del Giudice, 2014; Figueredo et al., 2005). Em suma, o esforço somático consiste em qualquer recurso que o indivíduo investe em si mesmo, no seu próprio desenvolvimento, enquanto o esforço reprodutivo inclui qualquer recurso que o indivíduo invista e resulte na propagação dos seus genes na geração seguinte (Figueredo, 2006).

Dessa forma, verifica-se que existe uma relação de custo-benefício entre a capacidade do organismo de investir recursos em esforço somático em oposição ao investimento de energia em atividades reprodutivas, o que resulta nas estratégias de história de vida (Brüne, 2014; Del Giudice, 2014, Figueredo et al., 2005). A título de exemplo, pensando em um contexto de guerra, no qual a disponibilidade de parceiros e de alimentos é afetada, bem como

¹Conforme Trivers (1972), investimento parental pode ser entendido como qualquer custo relacionado à criação de filhos que reduza a capacidade parental de produzir ou investir em outras proles.

a expectativa de vida, presume-se que o indivíduo vai favorecer o esforço reprodutivo. As escolhas realizadas pelos indivíduos em quais tipos de esforços vai direcionar seu tempo e energia são chamados *trade-offs*. Estes se referem a um balanço alcançado entre a dois ou mais resultados igualmente desejáveis, porém incompatíveis, como por exemplo assegurar a paternidade investindo em apenas um único relacionamento, mas é incompatível com a possibilidade de inseminar um maior número de parceiras. Existem vários *trade-offs* dentro da THV, que representam os custos relacionados a aptidão quando uma mudança benéfica em um traço está ligada a uma mudança prejudicial em outro (Stearns, 1989). Entre eles pode-se citar (a) reprodução presente vs. reprodução futura (o organismo pode facilitar a reprodução agora – cópula, gestação – ou pode prolongar a vida, criando oportunidades de reprodução. A alocação de energia para oportunidades futuras afasta os esforços para se reproduzir agora e vice-versa), (b) qualidade vs. quantidade de prole (como os pais têm recursos limitados para investir na reprodução, filhos adicionais reduzem o investimento médio por filho em termos de cuidado parental e provisão de recursos), e (c) esforço para acasalamento vs. esforço parental (a oportunidade de um novo parceiro sexual é ponderada contra a redução da aptidão da prole existente) (Del Giudice, Gangestad, & Kaplan, 2015). Este último *trade-off* é o foco do presente trabalho.

Sabe-se que eventos na história de vida do indivíduo influenciam as estratégias comportamentais, notadamente as estratégias sexuais (Chisholm, 1993; Draper & Belsky 1990; Draper & Harpend, 1982; Ripardo, 2015; Shiramizu, 2016). Ambientes mais inconstantes e imprevisíveis produzem estratégias mais aceleradas, características de indivíduos mais propensos a investirem recursos em esforço para o acasalamento (maior número de parceiros sexuais). Por outro lado, ambientes mais estáveis e previsíveis produzem estratégias mais lentas, características de indivíduos mais propensos a dedicarem recursos voltados para o esforço parental (Olderbak & Figueredo, 2010).

Sociossexualidade

Um marcador comportamental das estratégias da história de vida é a sociossexualidade, que diz respeito às diferenças individuais na maior ou menor disposição das pessoas se engajarem em sexo sem compromisso afetivo, sendo expressa dentro de um contínuo de variação de indivíduos menos propensos ao sexo sem compromisso, até aqueles mais propensos. A sociossexualidade mais restrita, na qual o indivíduo busca uma proximidade emocional e um comprometimento antes de se engajar em relações sexuais, está associada a estratégias mais lentas de desenvolvimento. Em contrapartida, a sociossexualidade mais irrestrita, na qual o indivíduo se engaja em relações sexuais com menos envolvimento emocional e menos comprometimento, está associada a estratégias mais rápidas de desenvolvimento (Chisholm, 1993; Del Giudice, 2014; Kardum, Hudek-Knežević, & Asmir Gračanin, 2006; Shiramizu, 2016; Simpson & Gangestad, 1991).

O *Sociosexuality Orientation Inventory – Revised* é um instrumento de autorrelato composto por nove itens, desenvolvido para medir as diferenças entre os indivíduos quanto à tendência a ter relações sexuais casuais e descompromissadas. Foi desenvolvido a partir do *Sociosexuality Orientation Inventory* criado por Simpson e Gangestad (1991); a adaptação e validação para o Brasil foi realizada por Nascimento, Hanel, Monteiro, Gouveia, & Little, 2018. O uso desse instrumento permite que pesquisadores investiguem como a sociossexualidade varia em função de diferenças individuais.

Sociossexualidade e Diferenças Inter e Intrassexuais

Em diversos países nos quais foram testados o SOI e SOI-R, as pesquisas são consistentes em demonstrar que homens apresentam maiores níveis de irrestrição que mulheres (Lippa, 2009; Neto, 2015, Schmitt, 2005, Zheng, Zhou, Wang, & Hesketh, 2013). Esses dados evidenciam que diferenças no investimento parental favoreceram diferentes estratégias para o sucesso reprodutivo de homens e mulheres e conseqüentemente

estabeleceram algumas diferenças entre os sexos. Dentro da perspectiva da Psicologia Evolucionista, isso se corrobora, pois, na espécie humana, o investimento parental é menos custoso em termos energéticos para os homens. Sendo assim, homens possuem uma tendência maior de se engajarem em estratégias sexuais de curto-prazo (Schmitt, 2007; Trivers, 1972).

Um estudo mais recente demonstrou diferenças na orientação sexual de mulheres e restrição/irrestrição da sociossexualidade. Mulheres bissexuais reportaram uma sociossexualidade menos restrita, enquanto mulheres que se declararam exclusivamente (ou quase exclusivamente) heterossexuais ou homossexuais relataram uma sociossexualidade mais restrita (Semenya, Belu, Vasey, & Honey, 2017). Em relação a diferentes orientações sexuais em indivíduos do sexo masculino, Schmitt (2007) encontrou que homens homossexuais e bissexuais reportaram mais irrestrrição no comportamento sociossexual quando comparados a homens heterossexuais. A explicação para tal resultado, considerando a teoria do investimento parental, fundamenta-se no pressuposto de que homens homossexuais e bissexuais teriam mais parceiros potenciais disponíveis (Schmitt, 2007). A irrestrrição do comportamento sexual em homens heterossexuais seria moderada pelo fato das mulheres, em média, serem mais restritas, dado que o investimento parental é maior para elas. Assim, mulheres tenderiam a se engajar mais em estratégias sexuais de longo-prazo (Buss, 2006; Trivers, 1972). Consequentemente, por ter menor investimento parental, homens tenderiam a adotar mais estratégias sexuais de curto-prazo. Um aspecto que não foi controlado no estudo de Schmitt (2007) foi o status do relacionamento dos participantes. Alguns estudos demonstram que pessoas solteiras tendem a ser mais irrestritas do que pessoas casadas (Edelstein, Chopik, & Kean, 2011). Dessa forma, é importante analisar se os homossexuais são de fato mais irrestritos que os heterossexuais considerando se eles estão em um relacionamento ou não.

Sociossexualidade e Qualidade da Resposta Sexual

Tendo em vista diferenças na sociossexualidade de indivíduos com diferentes orientações sexuais, é relevante estudar a relação entre restrição/irrestrição do comportamento sexual e qualidade da resposta sexual. A resposta sexual é entendida como aquela que compreende atividades sexuais que se iniciam na fase de excitação até a fase de relaxamento sem problemas, com sentimentos de prazer, de realização e de satisfação (Mykletun, Dahl, Leary, & Fosså, 2005). Alguns estudos já investigaram diferenças na resposta sexual de mulheres homossexuais e heterossexuais. Silva (2016) mostrou que mulheres homossexuais apresentam menor probabilidade de sofrerem disfunção sexual em comparação com as mulheres heterossexuais. Entretanto, não é do conhecimento da presente autora que exista na literatura, até o presente momento, estudos explorando relações entre sociossexualidade e função sexual.

Geralmente, a resposta sexual é estudada extensivamente em heterossexuais e quase exclusivamente com amostras clínicas, abordada por meio de um viés patológico, a presença ou ausência de disfunção (Araújo, Brito, Ferreira, Petribú, & Mariano, 2009; Coelho, Matias, Neto, Godoy, Júnior, & Jorge, 2003; Ishibashi, Olivieri, & Costa, 2005; Silva, 2018). Especificamente no caso de homens homossexuais, muitas pesquisas são realizadas tão somente com grupos soropositivos, não abrangendo o comportamento sexual da população homossexual em geral (Silva, 2018). Compreende-se que a sexualidade é uma das dimensões de expressão do ser humano, sendo plurideterminada, composta de elementos biológicos, sociais, culturais e históricos (Carvalho, Rodrigues, & Medrado, 2005). Ela engloba sexo, identidade e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer e intimidade, além de ser vivenciada e expressa de diferentes formas, como por pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos (World Health

Organization, 2006). Nesse sentido, o estudo da função sexual se justifica, na medida em que a função sexual se configura como parte da identidade do ser humano.

Partindo do supracitado, os objetivos gerais do presente trabalho são: (a) realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a homossexualidade em homens de diferentes orientações sexuais; e (b) investigar a relação entre homossexualidade e função sexual em homens, considerando suas orientações sexuais e seus status do relacionamento.

Referências

- Araújo, A., Brito, A., Ferreira, M., Petribú, K., & Mariano, M. (2009). Modificações da qualidade de vida sexual de obesos submetidos à cirurgia de Fobi-Capella. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, 36(1), 42–48. doi: 10.1590/S0100-69912009000100009
- Carvalho, A. M., Rodrigues, C. S., & Medrado, K. S. (2005). Oficina em sexualidade humana com adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 10(3), 377–384. doi: 10.1590/S1413-294X2005000300006
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 71–93. doi: 10.1590/S1413-294X2000000100005
- Coelho, J. C. U., Matias, J. E., & Jorge, F. M. (2003). Função sexual de homens submetidos a transplante hepático. *Revista Associação Médica Brasileira*, 49(4), 413–417. doi: 10.1590/S0104-42302003000400033
- Edelstein, R. S., Chopik, W. J., & Kean, E. L. (2011). Sociosexuality moderates the association between testosterone and relationship status in men and women. *Hormones and Behavior*, 60, 248–255. doi: 10.1016/j.yhbeh.2011.05.007
- Faria, C., Bastos, A., Soares, I., & Silva, C. (2008). Organização da vinculação e qualidade da relação com os pares. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1, 201–210. Recuperado de <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEP>
- Figueredo, J. A., Vásquez, G., Brumbach, B. H., Schneider, S. M. R., Sefcek, J. A., Tal, I. R., & Jacobs, J. (2005). Consilience and Life History Theory: From genes to brain to reproductive strategy. *Developmental Review*, 26, 243–275. doi: 10.1016/j.dr.2006.02.002

- Giudice, M. D., Gangestad, S. W., & Kaplan, H. S. (2015). Life History Theory and Evolutionary Psychology. In D. Buss (Eds), *The Handbook of Evolutionary Psychology* (Vol.1, pp. 88–113). doi: 10.1002/9781119125563.evpsych10
- Gladden, P. R., Figueredo, A. J., & Jacobs, W. J. (2009). Life history strategy, psychopathic attitudes, personality, and general intelligence. *Personality and Individual Differences*, 46, 270–275. doi: 10.1016/j.paid.2008.10.010
- Ishibashi, R. A. S., Olivieri, F. L. D., & Costa, V. D. S. P. (2015). Perfil da função sexual em homens com lesão medular completa. *Journal of Health Sciences*, 7(1).
- Kalmbach, D. A., Ciesla, J. A., Janata, J. W., & Kingsberg, S. A. (2014). The validation of the Female Sexual Function Index, Male Sexual Function Index, and Profile of Female Function for use in healthy young adults. *Archives of Sexual Behavior*. doi: 10.1007/s10508-014-0334-y
- Keller, H. (1996). Evolutionary approaches. In J. W. Berry, Y.H. Pootinga & J. Pandey (Eds.), *Handbook of cross-cultural psychology* (Vol. 1, pp. 215–256). Boston: Allyn and Bacon.
- Klein, F., Sepekoff, B., & Wolf, T. J. (1985). Sexual orientation: A multi-variable dynamic process. *Journal of Homosexuality*, 11(1-2), 35-49. doi: 10.1300/J082v11n01_04
- Kenrick, D. T., Griskevicius, V., Neuberg, S. L., & Schaller, M. (2010). Renovating the pyramid of needs: Contemporary extensions built upon ancient foundations. *Perspectives on Psychological Science: A Journal of the Association for Psychological Science*, 5(3), 292–314. doi: 10.1177/1745691610369469
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: Retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(1), 139–156.

- Mykletun, A., Dahl, A. A., O'leary, M. P., & Fossa, S. D. (2005). Assessment of male sexual function by the Brief Sexual Function Inventory. *BJU International*, *97*(2), 316–323. doi: 10.1111/j.1464-410x.2005.05904.x
- Nascimento, B. S., Hanel, P. P. H., Monteiro, R. P., V. Gouveia, V., & Little, A. C. (2018). Sociosexuality in Brazil: Validation of the SOI-R and its correlates with personality, self-perceived mate value, and ideal partner preferences. *Personality and Individual Differences*, *124*, 98–104. doi: 10.1016/j.paid.2017.12.007
- Natividade, J. C., Fernandes, H. B. F., & Hutz, C. S. (2013). *Evidências de validade para o Brasil do Inventário de Orientação Sociossexual Revisado (SOI-R-Brasil)*. Pôster apresentado no VI Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica, Maceió, AL.
- Olderbak, S. G., & Figueredo, A. J. (2010). Life history strategy as a longitudinal predictor of relationship satisfaction and dissolution. *Personality and Individual Differences*, *49*, 234–239. doi: 10.1016/j.paid.2010.03.041
- Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C., Garotti, M., & Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do Apego: Elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia*, *26*, 67–79.
- Ripardo, R. C. (2015). *The influence of neuroticism in the relation between stressful events and adult attachment*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Schmitt, D. P. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, *28*(02). doi:10.1017/s0140525x05000051
- Schmitt, D. P. (2007). Sexual strategies across sexual orientations: How personality traits and culture relate to sociosexuality among gays, lesbians, bisexuals, and heterosexuals. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, *18*(2-3), 183–214. doi: 10.1300/J056v18n02_06

- Seidl de Moura, M. L. & Ribas, A. (2009). Evolução e desenvolvimento humano. In E. Otta & M. E. Yamamoto (Eds.), *Psicologia evolucionista: Coleção fundamentos de Psicologia*(pp. 77–85).Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Shiramizu, V. K. M, Natividade, J. C., & Lopes, F. D. A. (2013). Validate evidences of Experience in Close Relationships (ECR) Inventory to Brazil. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 18(3), 457–465.
- Shiramizu, V. K. M. (2016). *Sistema de resposta ao estresse, apego e homossexualidade: Uma análise psicofisiológica das estratégias de história de vida*. Tese de Doutorado, Centro de Biociências, Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, Universidade de Natal, Rio Grande do Norte.
- Silva, C. S. A (2016). *Função sexual e níveis de testosterona em mulheres hetero e homossexuais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Pará.
- Simpson, Griskevicius, & Kim, (2012). Evolution, Life History Theory, and Personality. *Handbook of Interpersonal Psychology: Theory, Research, Assessment, and Therapeutic Interventions*. 75–89. doi: 10.1002/9781118001868.ch5.
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual Selection and the Descent of Man 1871–1971*, (pp. 136–179). Chicago: Aldine.
- Trivers, R. L. (1974). Parent-Offspring Conflict. *Integrative and Comparative Biology*, 14, 249-264. doi: 10.1093/icb/14.1.249
- World Health Organization. (2006). *Defining sexual health: Report of a technical consultation on sexual health, 28–31 January 2002, Geneva*. Geneva: World Health Organization.
- Zheng, W. J., Zhou, X. D., Wang, X. L., & Hesketh, T. (2013). Sociosexuality in Mainland China. *Archives of Sexual Behavior*, 43(3),621–629. doi: 10.1007/s10508-013-0097-x

**Capítulo 1: Depois de 20 anos de pesquisa pouco sabemos sobre a homossexualidade de
homens homossexuais e bissexuais: Uma revisão sistemática**

Maria Luíza Souza, Adna Silva, Mauro Silva Júnior

Manuscrito submetido na Revista *Archives of Sexual Behavior*

Resumo

O artigo teve como objetivo fazer uma revisão sistemática de estudos que trabalham com o conceito de homossexualidade e diferentes orientações sexuais. A busca foi realizada em três bases de dados eletrônicas. Foi utilizado como descritores os termos “*sociosexuality*” e “*homosexuality*”. Os critérios de inclusão foram artigos empíricos sobre homossexualidade e homossexualidade, conter homossexualidade no título, resumo ou palavras-chave e ter sido publicado entre 2000 e 2017. Os critérios de exclusão foram estudos com amostras compostas somente por mulheres, artigos teóricos e de revisão. A busca inicial resultou em 15 artigos. Excluindo-se os duplicados, restaram 11 artigos únicos. Para avaliar quais atendiam aos critérios de inclusão, foi realizada leitura dos títulos, palavras-chave e resumos. Após esse processo, quatro artigos foram selecionados. Tais artigos investigaram a homossexualidade em homens, homossexuais e/ou heretossexuais e/ou bissexuais. Foram encontrados pouquíssimos artigos que se dedicaram a investigar a orientação sexual dos participantes, descrevendo pouco as diferenças intrassexuais existentes no sexo masculino. Percebe-se, assim, que apesar da homossexualidade estar sendo investigada há mais de vinte anos, os estudos com homossexuais e bissexuais continuam à margem, resultando no desconhecimento sobre práticas e comportamentos dessa população.

Palavras-chave: homossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, homens

Abstract

This study aimed to conduct a systematic review of studies that investigated the concept of sociosexuality and different sexual orientations. The search was performed in three electronic databases. We used as descriptors the terms “sociosexuality” and “homosexuality”. The criteria for inclusion were empirical articles on sociosexuality and homosexuality, having sociosexuality in the title, abstract or keywords and having been published between 2000 and 2017. The criteria for exclusion were studies with samples consisting of women only, and theoretical and review articles. The initial search resulted in 15 articles. Excluding duplicates, 11 unique articles were left. To evaluate which articles meet the inclusion criteria, their titles, keywords and abstracts were read. After this process, four articles were selected. These articles investigated sociosexuality in homosexual and/or heterosexual and/or bisexual men. Very few articles were found that investigated the sexual orientation of the participants, describing little the existing intrasexual differences in males. Thus, despite the fact that social-sexuality has been investigated for more than twenty years, studies with homosexuals and bisexuals remain on the sidelines, resulting in the lack of knowledge about practices and behaviors of this population.

Keywords: sociosexuality, homosexuality, bisexuality, men

Introdução

O estudo científico do comportamento sexual humano é relativamente recente, remontando principalmente aos trabalhos de Alfred Kinsey, que culminaram na publicação de dois livros importantes sobre o comportamento sexual de homens e mulheres (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 1948; Kinsey, Pomeroy, Martin, & Gebhard, 1953). De Kinsey até agora, foram descobertas várias características do comportamento sexual humano que ajudam a compreender aspectos filogenéticos relacionados a essa motivação básica (Kenrick, Griskevicius, Neuberg, & Schaller, 2010), bem como entender seu impacto sobre a qualidade de vida e saúde do indivíduo (McCabe, Cummins, & Deeks, 2000).

Considerando uma perspectiva etológica, todo comportamento, incluindo o sexual, pode ser explicado em termos das suas causas distais e proximais (Laland & Bateson, 2016; Tinbergen, 1963). As causas distais dizem respeito à história filogenética e função adaptativa do comportamento, ao passo que as causas proximais se referem à ontogênese e às causas imediatas do comportamento. Em termos de história filogenética, são descritas as origens do comportamento sexual enquanto mecanismo de reprodução das espécies, e como esse comportamento foi constituído ao longo da história mais recente. Hipotetiza-se, por exemplo, que devido às necessidades nutricionais do bebê humano, o comportamento sexual tenha se modificado, culminando na monogamia seriada (Chapais, 2013). A função adaptativa, por sua vez, corresponde ao valor de sobrevivência e reprodução do comportamento sexual, que está relacionado a atrair um parceiro romântico e, como consequência provável, a produção de uma prole. Essas causas têm sido amplamente descritas pelas ciências evolucionárias no tocante a diferenças de seletividade das escolhas sexuais, nas quais as fêmeas são mais seletivas que machos (seleção sexual) devido ao investimento na prole ser maior para elas (Buss, 1989; Buss & Schmitt, 1993; Trivers, 1972). Fêmeas e machos humanos tendem a se comportar segundo os mesmos princípios do acasalamento de outros animais, (i.e., mulheres

são mais seletivas que homens; Fisman, Iyengar, Kamenica, & Simonson, 2006). Embora o poder explicativo dessas investigações seja excelente, olhar apenas para as causas distais deixa incompleta a compreensão sobre o comportamento sexual humano.

Em relação às causas proximais, a investigação da ontogênese e das causas imediatas do comportamento permite descrever a variação individual no comportamento sexual dentro da mesma espécie. Deste modo, embora homens e mulheres apresentem tendências de comportamento sexual esperadas para o seu sexo, as condições ambientais históricas do indivíduo e as condições ambientais atuais modulam seu comportamento, de modo que indivíduos, independente do seu sexo, podem ser mais ou menos seletivos em relação aos seus parceiros sexuais em resposta às demandas ambientais. Neste sentido, o conceito de sociossexualidade, surgido na década de 50 com os estudos de Kinsey, ajuda a compreender a variação individual do comportamento sexual.

A sociossexualidade pode ser entendida como a maior ou menor propensão de um indivíduo se engajar em relações sexuais sem compromisso afetivo. No campo da Psicologia Evolucionista, o conceito de sociossexualidade foi retomado por Simpson e Gangestad (1991) associado com a noção de restrição e irrestrrição sexual. Indivíduos que necessitam de proximidade e envolvimento emocional para se engajar em sexo casual são chamados de mais restritos, enquanto indivíduos que têm relação sexual sem necessitar de envolvimento são chamados de mais irrestritos. É importante frisar que a sociossexualidade é entendida dentro de um contínuo de variação de indivíduos mais restritos até aqueles mais irrestritos. Portanto, não se trata de uma descrição dicotômica.

Simpson e Gangestad (1991) desenvolveram o Inventário de Orientação Sociossexual (SOI) para mensurar a sociossexualidade como uma dimensão estratégica. Tal instrumento foi composto por sete itens, englobando três domínios: comportamento (itens de 1 a 3), desejo (item 4) e atitude (itens de 5 a 7). A versão revisada (SOI-R) é composta por nove itens

divididos em três domínios: comportamento (itens de 1 a 3), atitude (itens de 4 a 6; de 5 a 7 da escala anterior) e desejo (itens de 7 a 9; o item 4 da escala anterior se tornou o 7 da SOI-R). O domínio do comportamento afere o comportamento sexual passado, por meio de perguntas como “com quantas pessoas você já transou sem estar interessado em um relacionamento duradouro?”. A faceta da atitude avalia o quanto o indivíduo necessita de uma proximidade emocional antes de se engajar em uma relação sexual sem compromisso e sentimentos morais ligados à noção de promiscuidade. Por fim, o componente do desejo mensura fantasias sexuais e excitação sexual, referentes ao interesse sexual (Nascimento, Hanel, Monteiro, Gouveia, & Little, 2018; Schmitt, 2005, 2007; Simpson & Gangestad, 1991; Simpson, Wilson, & Winterheld, 2004). Tendo isso em vista, escores mais altos no SOI-R indicam estratégias sexuais mais irrestritas, enquanto escores mais baixos indicam estratégias sexuais mais restritas (Gangestad & Simpson, 2000; Klusmann, 2002; Schmitt, 2005, 2007).

Embora o conceito de sociossexualidade tenha emergido como uma ferramenta conceitual importante para descrever a variação individual e intrassexual no comportamento sexual humano, grande parte dos estudos são análises comparativas entre homens e mulheres, que evidenciam, de forma consolidada, maiores níveis de irrestrição sexual nos homens em relação às mulheres (Lippa, 2009; Neto, 2015; Schmitt, 2005; Zheng, Zhou, Wang, & Hesketh, 2013). A explicação para tais resultados reside nas diferenças de investimento parental da espécie humana (Howell et al., 2012), enfatizando as causas distais do comportamento. Como, do ponto de vista energético, o investimento parental é menor para os homens, eles tendem a se engajar com maior frequência em estratégias sexuais de curto prazo que as mulheres (Schmitt, 2007; Trivers, 1972).

Apesar de existirem diversos estudos sobre sociossexualidade em homens e mulheres, poucos levam em consideração diferentes orientações sexuais, que poderiam ser investigadas enquanto causas proximais. A variabilidade na orientação sexual humana é considerada um

desafio para a Psicologia Evolucionista, porquanto, intuitivamente, a homossexualidade exclusiva não parece ser adaptativa, já que não permite a reprodução direta. Existem muitas hipóteses para se explicar a origem da homossexualidade. Algumas propostas argumentam que os homossexuais teriam um ganho de aptidão abrangente ao compensarem a falta de filhos cuidando da prole dos parentes, porém não há evidências consistentes para tal hipótese (Bobrow & Bailey, 2001; Rahman & Hull, 2005). Outras entendem a homossexualidade como um subproduto do prazer obtido por meio do sexo (Menezes & Brito, 2007).

Independentemente de ter um valor adaptativo ou não, é possível testar hipóteses evolucionistas sobre a sexualidade humana a partir de outras orientações sexuais. A teoria das estratégias sexuais (1993) assume que devido a diferentes pressões seletivas no ambiente ancestral, evoluíram em homens e mulheres diferentes adaptações psicológicas para a escolha de parceiros. Nesse sentido, já existem estudos comparando preferências na seleção de parceiros em pessoas homossexuais e heterossexuais (Henriques, Leão, & Tsutsumi, 2013, Lippa, 2009; Valentova, Štěrbová, Bártová, & Varella, 2016). Estudos comparativos como este permitem avaliar se disposições psicológicas para a seleção de parceiros evoluíram para ser específicas de um sexo ou específicas do sexo alvo (Schmitt, 2007). Isto é, se homossexuais e heterossexuais vão expressar preferências semelhantes devido ao seu sexo (sexo determinante), ou se as preferências vão se ajustar ao sexo alvo, homens promovendo semelhanças em mulheres heterossexuais e homens homossexuais, e mulheres promovendo semelhanças em mulheres homossexuais e homens heterossexuais (orientação sexual determinante).

Na literatura, encontram-se diversos estudos que relacionam a sociossexualidade com outros comportamentos humanos, como padrões de apego, infidelidade e táticas de guarda (Chen, 2016; Arnocky, Carré, Bird, Moreau, Vaillancourt, Ortiz, & Marley, 2017; Kardum, Hudek-Knežević, & Gračanin, 2006). Chen (2016) investigou a relação entre padrões de

apego, estratégias de controle de recursos e homossexualidade em uma amostra chinesa de estudantes universitários. Os resultados mostraram que o apego evitativo foi associado com o controle de recursos coercivos, o que, por sua vez, se correlacionou com uma homossexualidade mais irrestrita, enquanto o apego ansioso foi associado com controle de recursos pró-sociais, padrão que não se correlacionou com a irrestrição sexual. Não foi encontrada diferenças entre os sexos, o que pode indicar que homens e mulheres possuem os mesmos mecanismos subjacentes as relações entre padrões de apego, estratégias de controle de recursos e homossexualidade. Considerando o modelo de Belsky (1997), hipotetiza-se que o apego evitativo evoluiu porque promoveu relacionamentos de curto-prazo e baixo investimento parental.

Considerando que o estilo de apego, a emofilia (tendência a se apaixonar rapidamente) e a homossexualidade podem contribuir ou inibir o início de uma relação, foram testadas como a homossexualidade e a emofilia afetam o sistema de inibição comportamental (BIS) e o sistema de ativação comportamental (BAS). A ativação do primeiro está relacionada ao afeto negativo através da sensibilidade à punição, enquanto a ativação do segundo está relacionada ao afeto positivo através da sensibilidade à recompensa. Como resultados, encontrou-se correlação entre apego ansioso e o BIS e correlação entre emofilia e homossexualidade com o BAS. Só o aspecto da homossexualidade mostrou diferenças entre os sexos, com os homens sendo mais irrestritos que as mulheres (Jones & Curtis, 2016).

Tendo em vista os efeitos da homossexualidade e os estilos de apego, foi testada a hipótese evolucionista de que homens reportariam mais sofrimento à infidelidade sexual de um cônjuge, enquanto as mulheres reportariam mais sofrimento à infidelidade emocional. Os resultados mostraram que uma homossexualidade mais irrestrita se correlacionou com maior sofrimento diante de uma situação de infidelidade sexual. Em relação aos padrões de apego, o estilo de apego ansioso aumentou as chances dos homens de selecionarem a infidelidade

emocional como mais perturbadora, enquanto o apego evitativo aumentou as chances de as mulheres selecionarem a infidelidade sexual (Treger & Sprecher, 2011).

Explorando as relações entre homossexualidade e o comprometimento em uma relação, investigou-se relacionamentos extra par e as percepções relacionadas a esse comportamento. Encontrou-se que indivíduos que se envolveram em relacionamentos extra par reportaram uma homossexualidade mais irrestrita e menor comprometimento com a relação. Não foi verificada diferenças entre homens e mulheres. No que se refere ao comprometimento, os resultados mostraram que indivíduos mais comprometidos demonstraram uma homossexualidade mais restrita (Rodrigues, Lopes, & Pereira, 2016).

Outros temas no estudo da homossexualidade a partir da dicotomia das diferenças sexuais investigaram aspectos ainda mais específicos tais como o incesto, traumatismo craniano, e autismo. Investigando a relação entre a homossexualidade e o desejo sexual em contextos fictícios de incesto, foi encontrado que homens e mulheres não diferiram em suas reações a atos sexuais incestuosos e que a homossexualidade não se correlacionou com aversão a atos incestuosos (Park, 2008). No que se refere a investigação sobre a homossexualidade e relacionamentos extra par em pacientes com traumatismo craniano, obteve-se que homens demonstraram mais irrestrição sexual que as mulheres. Todavia, entre os homens com traumatismo craniano, encontrou-se uma tendência a redução dessa irrestrição. O traumatismo craniano não demonstrou grande impacto sobre a propensão a relacionamentos extra par, mas os indivíduos com essa lesão, que expressam menos aceitação de relacionamentos extra par, relatam uma estratégia de acasalamento mais promíscua em relação ao seu comportamento, atitudes e desejo (Moreno & McKerral, 2015). Examinado a relação entre traços típicos do autismo, homossexualidade e cortisol em estudantes universitários heterossexuais do sexo masculino, encontrou-se que indivíduos com mais traços típicos de autismo relataram menor

orientação para relacionamentos de curto-prazo e menor experiência sexual anterior (Ponzi, Henry, Kubicki, Wilson, & Maestripieri, 2015).

Percebe-se que o estudo da homossexualidade é muito abrangente, sendo a disposição para o sexo sem compromisso investigada em relação a várias ações humanas e em contextos muitos diversos. Ainda assim, constata-se que o estudo da sexualidade de indivíduos homossexuais e bissexuais permanece à margem, comprometendo o entendimento das diferenças individuais na espécie humana.

Considerando o supracitado, e compreendendo a homossexualidade como um aspecto fundamental da sexualidade humana, o presente artigo investigou a relação entre homossexualidade e orientação sexual. Optou-se por analisar preferencialmente trabalhos com amostras compostas por homens, tendo em vista que há um reconhecimento consolidado de que os homens são mais irrestritos que as mulheres. Além disso, na literatura, encontra-se um número maior de artigos sobre homossexualidade em mulheres homossexuais e bissexuais comparado aos trabalhos com homens.

Método

Crítérios de Elegibilidade

Foram incluídos artigos (a) publicados entre 2000 e 2017, (b) que continham o termo “*sociosexuality*” e “*homosexuality*” no título, resumo ou palavras-chave e (c) empíricos. Sinaliza-se que quando o termo “*bisexuality*” foi utilizado, a busca resultou em um artigo somente, o mesmo que apareceu na busca com o termo “*homosexuality*”. Foram excluídos artigos (a) teóricos e de revisão e (b) com amostras somente femininas.

Fontes de Informação

O levantamento foi realizado nas bases de dados Scopus, Web of Science (WoS) e PsycNet. Restringiu-se a busca a artigos de língua inglesa. A revisão foi realizada em outubro de 2018.

Estratégia de Busca

Em todas as bases de dados a busca foi realizada utilizando-se o termo “*sociosexuality*” e “*homosexuality*” e o operador *AND*.

Seleção dos Estudos

Em um primeiro momento, duas revisoras, de forma independente, leram os títulos, as palavras-chave e os resumos. Posteriormente, em conjunto, as revisoras classificaram os artigos conforme os critérios de inclusão, como elegível ou inelegível.

Processo de Coleta de Dados

Duas revisoras registraram os artigos elegíveis em uma tabela para extrair os seguintes dados: ano da publicação, autores, objetivos, participantes, instrumentos e resultados.

Lista de Dados

As revisoras analisaram os objetivos das pesquisas e se os participantes foram categorizados conforme a orientação sexual: heterossexual, homossexual e/ou bissexual. Posteriormente, o foco da análise centrou-se nos instrumentos utilizados.

Resultados e Discussão

Seleção de Estudos

A partir da pesquisa realizada, que abarcou 17 anos, foram encontrados apenas 15 artigos publicados, destes, quatro foram excluídos por serem duplicados (ver Figura 1). Para a primeira análise, leitura dos títulos, palavras-chave, resumos, foram analisados 11 artigos. Como resultado, foram selecionados quatro artigos para a leitura íntegra e avaliação da elegibilidade. O processo de revisão foi composto quatro fases: (1) *identificação*, referente à quantidade de artigos encontrados na base de dados e eliminação dos artigos duplicados; (2) *seleção*, que consiste na inclusão ou exclusão dos artigos conforme os critérios de inclusão, se possível, a partir da leitura dos títulos e resumos; (3) *elegibilidade*, fase na qual os artigos são

lidos por completo para identificar se serão incluídos ou excluídos da revisão; e, por fim, (4) *fase da inclusão*, que diz respeito aos artigos correspondentes aos objetivos da revisão.

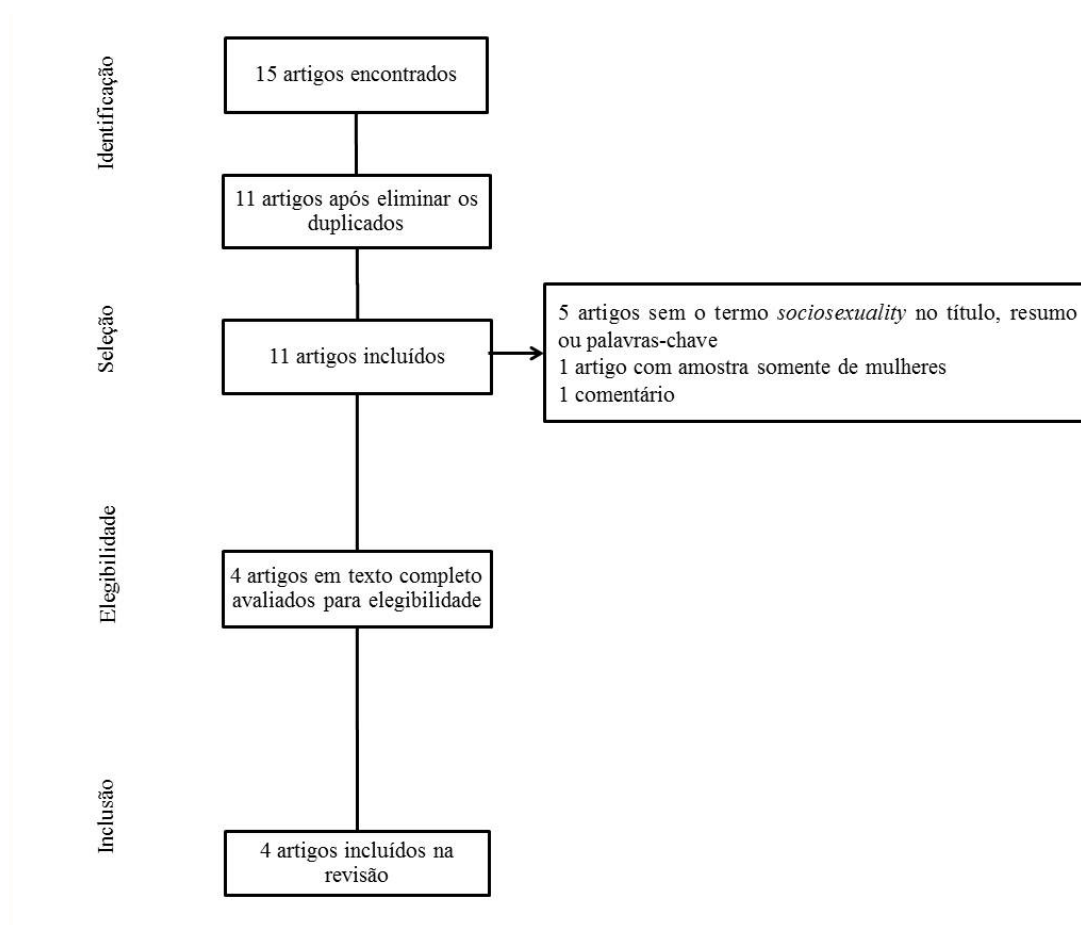


Figura 1. Fluxograma da revisão sistemática.

Os quatro artigos incluídos na revisão trabalharam com o conceito de *sociosexualidade*. Entretanto, um dos artigos não utilizou a nomenclatura “*sociosexualidade*”, referindo-se a este aspecto comportamental como interesse em sexo casual (Sánchez, Bocklandt, & Vilain, 2009). A Tabela 1 apresenta a descrição do método e dos principais resultados encontrados nos estudos.

Tabela 1

Estudos sobre Sociossexualidade em Homens Heterossexuais, Homossexuais e Bissexuais

Artigos	Objetivos	Participantes	Países	Instrumentos	Resultados
Schmitt (2007)	Investigar a sociossexualidade e traços de personalidade em pessoas de diferentes orientações sexuais.	5310 homens (5083 He, 131 Ho and 96 Bi) 7589 mulheres (7240 He, 143 Ho and 206 Bi)	48 nações WEIRD/menos WEIRD	Big Five Inventory (BFI); SOI; The Sexy Seven Scales	Homossexuais e bissexuais foram mais irrestritos no domínio do comportamento em comparação com heterossexuais.
Sánchez et al. (2009)	Comparar homens gays solteiros e em relacionamento para investigar se eles diferem em suas preocupações em relação aos papéis masculinos tradicionais e no interesse em sexo casual.	243 homens homossexuais (129 solteiros e 114 em relacionamento)	WEIRD	The Gender Role Conflict Scale; Interest in Uncommitted Sex Scale; Relationship Assessment Scale; Abbreviated version of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (SDS)	Homens solteiros relataram maior interesse em sexo casual; Homens solteiros foram mais restritos no seu comportamento afetivo com outros homens e homens em relacionamento se preocuparam mais em serem bem-sucedidos, poderosos e competitivos.

Artigos	Objetivos	Participantes	Países	Instrumentos	Resultados
Calzo (2013)	Explorar a diversidade na sexualidade de homens universitários e investigar como o apego, a conformidade com as ideologias tradicionais de masculinidade, e os vínculos homosociais podem moldar o endosso, o desejo e o envolvimento dos homens no sexo descompromissado.	495 homens (16.5% não heterossexual)	WEIRD	SOI-R; Experiences in Close Relationships measure (ECR); Conformity to Masculinity Norms Inventory (CMNI);	Houve correlação positiva entre consumo excessivo de bebidas, assim como festas, e irrestrição sexual. O grupo 'Completamente irrestrito' relatou o maior "valor no mercado" auto percebido; O grupo 'Evitativo' relatou os mais altos níveis de timidez.
L. Zheng et al. (2013)	Examinar a associação entre performance sexual e preferência por faces masculinizadas	447 homens homossexuais	Menos WEIRD	SOI-R; 10 pares de faces, com cada par consistindo de uma versão masculinizada e feminilizada da mesma face base.	Entre os insertivos, houve correlação negativa entre o SOI-R e a preferência por faces masculinas; Entre os receptivos, houve correlação positiva entre o SOI-R e a preferência por faces masculinas.

Nota. He = heterossexual; Ho = homossexual; Bi = bissexual.

Descrição dos Instrumentos

Dos quatro artigos avaliados, um trabalhou com o SOI, dois com a versão revisada (SOI-R) e um com a escala *Uncommitted Sex Scale*. Ambos SOI e SOI-R mensuram a homossexualidade considerando os domínios do comportamento, atitude e desejo. A diferença entre os dois instrumentos consiste na quantidade de itens: o SOI é composto por sete questões, enquanto o SOI-R por nove. Já a *Uncommitted Sex Scale* (Bailey, Gaulin, Agyei, & Glaude, 1994) investiga o interesse em sexo casual e é composta por dez itens, avaliados em uma escala Likert de 7 pontos variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). A diferença entre a *Uncommitted Sex Scale* e as escalas de homossexualidade é que o SOI e o SOI-R contêm perguntas relacionadas a frequências comportamentais.

Somossexualidade e Orientação Sexual

Schmitt (2007), além de considerar as orientações heterossexual e homossexual, foi o único dos quatro estudos selecionados que também investigou pessoas bissexuais. Nesse estudo, foram utilizados os dados do projeto intitulado International Sexuality Description Project (Schmitt, 2005). Amostras de 48 nações compuseram a pesquisa, com sete nações representando a região da América do Norte e do Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, México, Peru e Estados Unidos da América); vinte e quatro nações representando a Europa Ocidental e Oriental (Áustria, Bélgica, Croácia, República Tcheca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Itália, Letônia, Lituânia, Malta, Holanda, Polônia, Portugal, Romênia, Sérvia, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Suíça, Ucrânia e Reino Unido); oito nações representando o Oriente Médio e a África (Botsuana, Congo, Etiópia, Israel, Líbano, Marrocos, Turquia e Zimbábue); e nove nações representando a Ásia e Oceania (Austrália, Bangladesh, Fiji, Hong Kong, Japão, Nova Zelândia, Filipinas, Coreia do Sul e Taiwan). Destaca-se primeiramente, a desproporção entre o número de participantes nas diferentes orientações sexuais, havendo maior participação de indivíduos heterossexuais e menor, de

indivíduos bissexuais. As análises mostraram que os homens homossexuais e bissexuais apresentam uma sociossexualidade mais irrestrita quando comparados aos heterossexuais no domínio do comportamento na América do Norte e do Sul ($d = 0,44$). Na Europa Ocidental e Oriental, homens homossexuais ($d = 0,53$) e bissexuais ($d = 0,33$) foram mais irrestritos que os heterossexuais. Na Ásia e Oceania, homens homossexuais também foram mais irrestritos que os heterossexuais no domínio do comportamento ($d = 0,72$). Com exceção da Europa Ocidental e Oriental, onde os bissexuais foram mais irrestritos que os heterossexuais, não houve diferença significativa entre as orientações sexuais e o domínio da atitude. Entretanto, um ponto a ser observado é que o status do relacionamento não foi controlado nesse estudo. Dessa forma, a maior irrestrição sexual encontrada nos grupos de homossexuais e bissexuais pode ter sido acentuada se foram inseridas no mesmo grupo pessoas em um relacionamento ou pessoas solteiras - sabe-se que indivíduos solteiros tendem a ser mais irrestritos que indivíduos em relacionamento (Bailey, 2000; Edelman, Chopik, & Kean, 2011). Pensando em como questões ambientais podem afetar o comportamento, é interessante assinalar que, muitas vezes, a não aceitação da homossexualidade e bissexualidade pela sociedade faz com que essa população se relacione em boates, bares e festas, locais que possivelmente favorecem a irrestrição sexual (Wells, Kelly, Golub, Grov, & Parsons, 2010). Ademais, o autor ressalta que várias nações modernas, assim como populações tribais, não foram representadas na amostra. Desse modo, a generalização do efeito da orientação sexual sobre a sociossexualidade fica comprometida. Outra limitação do estudo é o fato dos tamanhos de efeito variarem de pequenos a moderados. Sabe-se que em grandes amostras, resultados significativos são mais prováveis de ocorrer, mas esse fato não necessariamente significa interação entre as variáveis, sendo necessário considerar as medidas de tamanho de efeito para avaliar o quanto a orientação sexual, no caso do estudo de Schmitt (2007), influencia a irrestrição sexual.

Contrariamente ao estudo de Schmitt (2007), Sánchez, Bocklandt e Vilain (2009) utilizaram o status do relacionamento como uma das variáveis na análise do interesse em sexo casual. A amostra desse estudo foi composta somente por homens homossexuais (com média de idade de 34,08 anos) selecionados em dois festivais de orgulho gay da Califórnia (Long Beach e San Diego). Encontrou-se que os homens homossexuais solteiros relataram maior interesse em sexo casual em comparação com homens homossexuais em relacionamento. Entretanto, é importante frisar que o tamanho de efeito foi pequeno ($r = 0,13$), sugerindo que estar em relacionamento exerceu uma influência pequena sobre a homossexualidade de homens homossexuais. Os resultados também mostraram que homens solteiros foram mais restritos em seu comportamento afetivo com outros homens ($r = 0,14$), e que homens em relacionamento se preocuparam mais em serem bem-sucedidos, poderosos e competitivos ($r = 0,20$).

O estudo de Calzo (2013), apesar de ter uma amostra composta somente por homens, não identificou a orientação sexual dos participantes. O objetivo do autor foi examinar como a diversidade na homossexualidade está ligada aos padrões de apego, à conformidade com as normas de masculinidade (ideologias tradicionais sobre o que é masculino) e ao envolvimento homosocial (laços não românticos entre pessoas do mesmo sexo). Foram 495 participantes, recrutados em uma universidade pública do centro-oeste dos Estados Unidos, com média de idade de 19,28 anos. Para as análises de dados, os participantes foram divididos em cinco grupos: totalmente irrestrito (10% da amostra, apresentando homossexualidade mais irrestrita e maior conformidade com as normas de masculinidade); cognitivamente irrestrito (representando 36% da amostra, com a homossexualidade semelhante ao do grupo totalmente irrestrito, porém com níveis menores no domínio do comportamento); totalmente restrito (consistiu em 30% da amostra, apresentando homossexualidade mais restrita e menor conformidade com as regras de masculinidade); Evitativo (16% da amostra, semelhante a

totalmente restrito, mas com padrão de apego mais evitativo); e, por fim, discrepante (8% da amostra; acima da média no domínio de comportamento da homossexualidade, mas discordante em constructos como religião). Dentre os resultados, encontrou-se que homens do grupo totalmente irrestrito relataram consumo excessivo de bebidas alcólicas e festas. Tais achados indicam comportamentos de risco e podem estar associados a estratégias de desenvolvimento mais aceleradas, assim como a homossexualidade mais irrestrita (Machluf & Bjorklund, 2015; Szepeswol, Griskevicius, Simpson, Young, Fleck, & Jones, 2017).

Nessa mesma perspectiva, é interessante observar que o grupo evitativo, que possuiu uma homossexualidade mais restrita, apresentou níveis de timidez mais altos. Sabe-se que traços de personalidade – como extroversão – também podem servir como indicadores das estratégias de desenvolvimento (Gladden, Figueredo, & Jacobs, 2009). Indivíduos com maiores níveis de extroversão tendem a ter estratégias mais aceleradas, por exemplo (Chen, 2017; Jones & Curtis, 2007). Os resultados também mostraram que os participantes do grupo totalmente irrestrito e cognitivamente irrestrito tiveram maior envolvimento em relações homosociais, enquanto indivíduos do totalmente restrito e dos subgrupos evitativos se engajaram menos em contextos e relações homosociais. Tais achados sugerem que indivíduos com uma homossexualidade mais irrestrita tendem a ter mais relações homosociais.

O artigo de Zheng, Hart e Zheng (2013) também apresentou uma amostra somente composta por homens, todavia, assim como o trabalho de Schmitt (2007), além das orientações heterossexual e homossexual, incluiu a bissexual. A amostra foi composta por 447 homens, com média de idade de 24,7 anos. Um ponto inovador dessa pesquisa foi o estudo de diferentes performances sexuais dentro do grupo de homossexuais (i.e., insertivo, receptivo e versátil). Estudos demonstram diferenças cognitivas e anatômicas entre homossexuais que possuem performances sexuais diferentes (Moskowitz & Hart, 2011). Além de haver poucos

estudos sobre a sexualidade de homossexuais, sem um viés clínico, os que existem acabam tratando os homossexuais como um grupo homogêneo, não abarcando suas especificidades (Silva, Souza, Goulart, & Silva Júnior, 2019). Os autores encontraram que, entre os homens insertivos quanto maior a irrestrição maior a preferência por faces feminilizadas; e homens receptivos quanto maior a irrestrição maior a preferência por faces masculinizadas.

Diversidade Populacional das Amostras

Em relação às amostras dos estudos selecionados, nota-se que a grande maioria é WEIRD (i.e., de sociedades ocidentais, educadas, industrializadas, ricas e democráticas) (Henrich, Heine, & Norenzayan, 2010). Uma crítica recorrente à psicologia é a falta da diversidade populacional nas amostras. Especificamente no caso da Psicologia Evolucionista, que se propõe a investigar aspectos universais do comportamento humano, a ausência de estudos com amostras diversificadas é um problema quando se pensa em generalizações. Pollet e Saxton (2019) examinaram as amostras utilizadas nos volumes de 2015 e 2016 das revistas “*Evolution & Human Behavior*” e “*Evolutionary Psychology*”. Os resultados mostraram que 81% das amostras utilizadas foram provenientes de países ocidentais e desenvolvidos. Além disso, 70% das amostras foram compostas de estudantes universitários. Vale pontuar, assim, que nos artigos selecionados para esta revisão sistemática, algumas das amostras foram compostas por estudantes universitários, outro aspecto que enviesava conclusões sobre comportamentos universais, pois uma faixa etária muito específica pode não representar a variabilidade comportamental de outras idades, de um sexo ou orientação sexual. Nos artigos incluídos na revisão, apenas Schmitt (2007) e Zheng et al. (2013) utilizaram amostras menos WEIRD.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento por meio de uma revisão sistemática de literatura de pesquisas que investigaram a homossexualidade em diferentes

orientações sexuais. Como grande parte dos estudos realizados foca nas diferenças entre homens e mulheres heterossexuais, optou-se por incluir na revisão trabalhos que consideraram as orientações sexuais dos participantes. Ademais, priorizou-se também artigos somente com homens.

Como resultado, foram encontrados pouquíssimos artigos que se dedicaram a investigar a orientação sexual dos participantes, descrevendo pouco as diferenças intrassexuais existentes no sexo masculino. Percebe-se, assim, que apesar da homossexualidade estar sendo investigada há mais de vinte anos, os estudos com homossexuais e bissexuais continuam à margem, resultando no desconhecimento sobre práticas e comportamentos dessa população. Nesse sentido, é no mínimo curioso encontrar estudos sobre a homossexualidade de pessoas com lesão cerebral (Moreno & McKerral, 2015) e estudos que investigam a homossexualidade com contextos fictícios de incesto (Park, 2008), mas encontram-se poucos que consideram diferentes orientações sexuais. A insistência em comparar homens e mulheres sistematicamente pode não contribuir com algo novo do ponto de vista teórico. Dessa forma, a Psicologia Evolucionista pode se beneficiar do estudo da homossexualidade e da bissexualidade na medida em que é possível testar hipóteses, questionando se a restrição/irrestrição sexual está relacionada com disposições específicas de um sexo, como propõe a teoria das estratégias sexuais, ou se pode estar relacionada com disposições específicas para a seleção do sexo alvo (Schmitt, 2007).

Dado que a homossexualidade refere-se mais às diferenças intrassexuais do que intersexuais, percebe-se que a compreensão das diferenças individuais do comportamento sexual humano tem sido negligenciada pela Psicologia Evolucionista. A investigação de como pessoas de diferentes orientações sexuais manifestam a homossexualidade é fundamental para elucidar questões referentes à sexualidade humana e sua diversidade. O grau das diferenças individuais, nas quais a orientação sexual pode ajudar a elucidar, permite compreender não

somente a função do comportamento, dado que as diferenças individuais são necessárias para a evolução, como também permite compreender aspectos proximais do comportamento, como a sua ontogênese.

Como limitações do presente trabalho, pontua-se a seleção de poucos artigos e o fato de se restringir a amostra a homens. Sendo assim, é importante frisar que este estudo não investiga todas as orientações sexuais, mas somente aquelas relacionadas aos homens. Além disso, faz-se necessário ressaltar que parte considerável das amostras dos estudos selecionados foram de populações WEIRD e com estudantes universitários. Assim sendo, não é possível fazer afirmações genéricas sobre comportamentos humanos, devendo-se levar em conta não só a variabilidade individual, mas também entre populações.

Referências

- Arnocky, S., Carré, J. M., Bird, B. M., Moreau, B. J. P., Vaillancourt, T., Ortiz, T., & Marley, N. (2017). The facial width-to-height ratio predicts sex drive, sociosexuality, and intended infidelity. *Archives of Sexual Behavior*, *47*(5), 1375–1385. doi: 10.1007/s10508-017-1070-x
- Bateson, P., & Laland, K. N. (2013). Tinbergen's four questions: An appreciation and an update. *Trends in Ecology & Evolution*, *28*(12), 712-718. doi:10.1016/j.tree.2013.09.013
- Bailey, J. M., Kirk, K. M., Zhu, G., Dunne, M. P., & Martin, N. G. (2000). Do individual differences in sociosexuality represent genetic or environmentally contingent strategies? Evidence from the Australian twin registry. *Journal of Personality and Social Psychology*, *78*(3), 537–545. doi: 10.1037/0022-3514.78.3.537
- Belsky, J. (1997). Attachment, mating, and parenting. *Human Nature*, *8*(4), 361–381. doi: 10.1007/bf02913039
- Bobrow, D., & Bailey, J. M. (2001). Is male homosexuality maintained via kin selection? *Evolution and Human Behavior*, *22*(5), 361–368. doi: 10.1016/S1090-5138(01)00074-5
- Boothroyd, L. G., Jones, B. C., Burt, D. M., DeBruine, L. M., & Perrett, D. I. (2008). Facial correlates of sociosexuality. *Evolution and Human Behavior*, *29*(3), 211–218. doi: 10.1016/j.evolhumbehav.2007.12.009
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, *12*(01), 1. doi: 10.1017/s0140525x00023992

- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, *100*(2), 204–232. doi: 10.1037/0033-295x.100.2.204
- Calzo, J. P. (2013). Applying a pattern-centered approach to understanding how attachment, gender beliefs, and homosociality shape college men's sociosexuality. *The Journal of Sex Research*, *51*(2), 221–233. doi: 10.1080/00224499.2012.724119
- Chapais, B. (2013). Monogamy, strongly bonded groups, and the evolution of human social structure. *Evolutionary Anthropology: Issues, News, and Reviews*, *22*(2), 52–65. doi: 10.1002/evan.21345
- Chen, B.-B. (2017). Insecure attachment, resource control, and unrestricted sociosexuality: From a life history perspective. *Personality and Individual Differences*, *105*, 213–217. doi: 10.1016/j.paid.2016.09.062
- Edelstein, R. S., Chopik, W. J., & Kean, E. L. (2011). Sociosexuality moderates the association between testosterone and relationship status in men and women. *Hormones and Behavior*, *60*(3), 248–255. doi: 10.1016/j.yhbeh.2011.05.007
- Fisman, R., Iyengar, S. S., Kamenica, E., & Simonson, I. (2006). Gender differences in mate selection: Evidence from a speed dating experiment. *The Quarterly Journal of Economics*, *121*(2), 673–697. doi: 10.1162/qjec.2006.121.2.673
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and Brain Sciences*, *23*(4), 573–587. doi: 10.1017/s0140525x0000337x
- Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A. (2010). Most people are not WEIRD. *Nature*, *466*(7302), 29–29. doi: 10.1038/466029a
- Henriques, A. L., Leão, K. N., & Tsutsumi, M. M. A. (2016). Relação entre a renda mensal e o desejo de ter filhos procurados no parceiro afetivo por homens e mulheres

- homossexuais e heterossexuais. [Relation between sexual partner's income and their desire to have children wanted by homosexual and heterosexual men and women]. *Interação em Psicologia*, 19(2). doi: 10.5380/psi.v19i2.33675
- Howell, E. C., Etchells, P. J., & Penton-Voak, I. S. (2012). The sexual overperception bias is associated with sociosexuality. *Personality and Individual Differences*, 53(8), 1012–1016. doi: 10.1016/j.paid.2012.07.024
- Jones, D. N., & Curtis, S. R. (2017). Emophilia, sociosexuality, and anxious attachment: Approach and inhibition differences. *Personality and Individual Differences*, 106, 325–328. doi: 10.1016/j.paid.2016.10.032
- Kardum, I., Hudek-Knežević, J., & Gračanin, A. (2006). Sociosexuality and mate retention in romantic couples. *Psychological Topics*, 15, 277–296. Retrieved from <https://doaj.org/toc/1849-0395>
- Kenrick, D. T., Griskevicius, V., Neuberg, S. L., & Schaller, M. (2010). Renovating the pyramid of needs: Contemporary extensions built upon ancient foundations. *Perspectives on Psychological Science*, 5(3), 292–314. doi: 10.1177/1745691610369469
- Klusmann, D. (2002). Sexual motivation and the duration of partnership. *Archives of Sexual Behavior*, 31(3), 275–287. doi: 10.1023/a:1015205020769
- Lippa, R. A. (2007). The preferred traits of mates in a cross-national study of heterosexual and homosexual men and women: An examination of biological and cultural influences. *Archives of Sexual Behavior*, 36(2), 193–208. doi: 10.1007/s10508-006-9151-2
- Machluf, K., & Bjorklund, D. F. (2015). Evolutionary developmental psychology. In J. D. Wright (Ed.), *International encyclopedia of the social & behavioral sciences: Second*

- edition (pp. 420–429). Waltham, MA, US: Elsevier. doi: 10.1016/B978-0-08-097086-8.81018-1
- McCabe, M. P., Cummins, R. A., & Deeks, A. A. (2000). Sexuality and quality of life among people with physical disability. *Sexuality and Disability, 18*(2), 113–123. Retrieved from <https://link.springer.com/journal/11195>
- Menezes, A. B. de C., & Brito, R. C. S. (2007). Reflexão sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer [Homosexuality as a byproduct of the evolution of pleasure]. *Psicologia em Estudo, 12*(1), 133–139. doi: 10.1590/s1413-73722007000100016
- Moreno, J. A., & McKerral, M. (2015). Differences according to sex in sociosexuality and infidelity after traumatic brain injury. *Behavioural Neurology, 2015*, 914134. doi: 10.1155/2015/914134
- Moskowitz, D. A., & Hart, T. A. (2011). The influence of physical body traits and masculinity on anal sex roles in gay and bisexual men. *Archives of Sexual Behavior, 40*(4), 835–841. doi: 10.1007/s10508-011-9754-0
- Nascimento, B. S., Hanel, P. P. H., Monteiro, R. P., Gouveia, V. V., & Little, A. C. (2018). Sociosexuality in Brazil: Validation of the SOI-R and its correlates with personality, self-perceived mate value, and ideal partner preferences. *Personality and Individual Differences, 124*, 98–104. doi: 10.1016/j.paid.2017.12.007
- Park, J. H. (2008). Is aversion to incest psychologically privileged? When sex and sociosexuality do not predict sexual willingness. *Personality and Individual Differences, 45*(7), 661–665. doi: 10.1016/j.paid.2008.07.011
- Ponzi, D., Henry, A., Kubicki, K., Nickels, N., Wilson, M. C., & Maestripieri, D. (2015). Autistic-like traits, sociosexuality, and hormonal responses to socially stressful and

- sexually arousing stimuli in male college students. *Adaptive Human Behavior and Physiology*, 2(2), 150–165. doi:10.1007/s40750-015-0034-4
- Rahman, Q., & Hull, M. S. (2005). An empirical test of the kin selection hypothesis for male homosexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 34(4), 461–467. doi: 10.1007/s10508-005-4345-6
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Pereira, M. (2016). Sociosexuality, commitment, sexual infidelity, and perceptions of infidelity: Data from the Second Love web site. *The Journal of Sex Research*, 54(2), 241–253. doi: 10.1080/00224499.2016.1145182
- Sánchez, F. J., Bocklandt, S., & Vilain, E. (2009). Gender role conflict, interest in casual sex, and relationship satisfaction among gay men. *Psychology of Men & Masculinity*, 10(3), 237–243. doi: 10.1037/a0016325
- Savic, I., & Lindstrom, P. (2008). PET and MRI show differences in cerebral asymmetry and functional connectivity between homo and heterosexual subjects. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 105(27), 9403–9408. doi: 10.1073/pnas.0801566105
- Schmitt, D. P. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28(2), 247–275. doi: 10.1017/s0140525x05000051
- Schmitt, D. P. (2007). Sexual strategies across sexual orientations: How personality traits and culture relate to sociosexuality among gays, lesbians, bisexuals, and heterosexuals. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 18(2-3), 183–214. doi: 10.1300/J056v18n02_06
- Silva, A., Souza, M. L. R. S., Goulart, P., Silva Júnior, M. (2019). *Instrumentos que avaliam a resposta sexual em homens de diferentes orientações sexuais: Revisão sistemática. [Instruments that evaluate the sexual response in men of different sexual orientations: A systematic review]*. Manuscript in preparation.

- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Personality and sexuality: Empirical relations and an integrative theoretical model. In K. McKinney & S. Sprecher (Eds.), *Sexuality in close relationships* (pp. 71–92). Hillsdale, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Simpson, J. A., Wilson, C. L., & Winterheld, H. A. (2004). Sociosexuality and romantic relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 87–112). Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Szepeswol, O., Griskevicius, V., Simpson, J. A., Young, E. S., Fleck, C., & Jones, R. E. (2017). The effect of predictable early childhood environments on sociosexuality in early adulthood. *Evolutionary Behavioral Sciences*, *11*(2), 131–145. doi: 10.1037/ebs0000082
- Tinbergen, N. (1963). On aims and methods of ethology. *Zeitschrift für Tierpsychologie*, *20*, 410–433. Retrieved from <https://onlinelibrary.wiley.com/loi/14390310a>
- Treger, S., & Sprecher, S. (2011). The influences of sociosexuality and attachment style on reactions to emotional versus sexual infidelity. *Journal of Sex Research*, *48*(5), 413–422. doi: 10.1080/00224499.2010.516845
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual selection and the descent of man 1871-1971* (pp. 136–207). Chicago, IL, US: Aldine Publishing Company.
- Wells, B. E., Kelly, B. C., Golub, S. A., Grov, C., & Parsons, J. T. (2010). Patterns of alcohol consumption and sexual behavior among young adults in nightclubs. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, *36*(1), 39–45. doi: 10.3109/00952990903544836
- Zheng, L., Hart, T. A., & Zheng, Y. (2013). Attraction to male facial masculinity in gay men in China: Relationship to intercourse preference positions and sociosexual behavior. *Archives of Sexual Behavior*, *42*(7), 1223–1232. doi: 10.1007/s10508-012-0057-x

Capítulo 2: Sociossexualidade e Função Sexual: Investigação com Homens de Diferentes

Orientações Sexuais e Status do Relacionamento

Maria Luíza Souza, Adna Silva, Mauro Silva Júnior

Manuscrito a ser submetido na Revista *Archives of Sexual Behavior*

Resumo

A sexualidade é uma dimensão de expressão do ser humano e um tema recorrentemente estudado na literatura. Ela envolve um conjunto de comportamentos referentes à satisfação do desejo sexual e a relação sexual com êxito é condição necessária para a reprodução. Assim, não é raro encontrar uma vasta literatura dedicada a estudar problemas na função sexual. Especificamente no caso de homens, comumente se investiga problemas de disfunção erétil e ejaculação precoce. Tal enfoque acaba por não considerar aspectos psicológicos subjacentes a função sexual. Considerando isso, o presente estudo teve por objetivo investigar a homossexualidade (disposição do indivíduo para se engajar em sexo descompromissado) e a função sexual de homens de diferentes orientações sexuais. Participaram da pesquisa 568 homens (247 heterossexuais, 219 homossexuais e 102 bissexuais), selecionados por conveniência. Utilizou-se as versões adaptadas e validadas para o Brasil do Inventário de Orientação Sociossexual Revisado (SOI-R) e do Índice de Função Sexual Masculina (MSFI). Homens heterossexuais foram mais restritos que homossexuais em todos os domínios e mais restritos que bissexuais no desejo e no escore total. Homens solteiros foram mais irrestritos no desejo e no escore total. A orientação sexual e o status do relacionamento foram preditores da homossexualidade. Não foram encontradas diferenças significativas na homossexualidade de homossexuais quanto a performance sexual. Quanto maior a irrestrição sexual, maiores os níveis de orgasmo, desejo, excitação e satisfação. Homens em relacionamento apresentaram maiores níveis de orgasmo, desejo, excitação e satisfação. Homens heterossexuais apresentaram maiores níveis de excitação que homossexuais. Evidenciou-se que a função sexual engloba aspectos que não se resumem ao funcionamento fisiológico, não devendo ser investigada somente em termos de disfunções. Os resultados também sugerem que diferenças na homossexualidade de indivíduos de diferentes orientações sexuais podem ser analisadas partir da perspectiva da teoria da história de vida.

Palavras-chave: homossexualidade, função Sexual, homens, orientação sexual

Abstract

Sexuality is a dimension of human expression and a theme recurrently studied in the literature. It involves a set of behaviors related to the satisfaction of sexual desire and successful sexual intercourse is a necessary condition for reproduction. Thus, it is not uncommon to find a vast literature devoted to studying problems in sexual function. Specifically in the case of men, problems of erectile dysfunction and premature ejaculation are commonly investigated. Such an approach does not consider the psychological aspects underlying sexual function. Considering this, the present study aimed to investigate sociosexuality (willingness of the individual to engage in uncompromised sex) and the sexual function of men of different sexual orientations. 568 men (247 heterosexual, 219 homosexual and 102 bisexual), selected by convenience, participated in the research. The adapted and validated Brazilian versions of the Revised Socio-Sexual Orientation Inventory (SOI-R) and the Male Sexual Function Index (MSFI) were used. Heterosexual men were more restricted than homosexual in all domains and more restricted than bisexual in desire and total score. Single men were more unrestricted in desire and total score. Sexual orientation and relationship status were predictors of sociosexuality. No significant differences were found in homosexual sociosexuality regarding sexual performance. The greater the sexual unrestriction, the higher the levels of orgasm, desire, arousal and satisfaction. Men in relationship had higher levels of orgasm, desire, arousal and satisfaction. Heterosexual men had higher levels of arousal than homosexuals. It was evidenced that sexual function encompasses aspects that are not limited to physiological functioning and should not be investigated solely in terms of dysfunctions. The results also suggest that differences in sociosexuality of individuals of different sexual orientations can be analyzed from the perspective of life history theory.

Keywords: sociosexuality, sexual function, men, sexual orientation

Introdução

A sexualidade humana pode ser definida como a forma que o indivíduo experiencia e se expressa sexualmente. Ela envolve fatores biológicos, físicos, emocionais, psicológicos e culturais (Carvalho, Rodrigues, & Medrado, 2005). De uma perspectiva biológica, pode-se dizer que a sexualidade envolve um conjunto de comportamentos referentes à satisfação do desejo sexual. É comum que pessoas se sintam sexualmente excitadas ou se envolvam em alguma forma de atividade sexual ao longo de uma semana (Kauth, 2007).

A sexualidade é um tema bastante estudado por psicólogos evolucionistas, os quais investigam diversos temas como intercurso sexual vs. masturbação, preferências sexuais por atributos no parceiro do sexo oposto, ovulação, diferenças sexuais no ciúmes, entre outros (Eisenman, 2006). Evolutivamente falando, uma relação sexual com êxito é um pré-requisito para uma reprodução bem-sucedida. E, o sucesso reprodutivo é entendido como a função última de um traço adaptativo, que resulta no indivíduo deixando uma prole vigorosa que mais na frente transmitirá o traço adaptativo aos seus descendentes (Kauth, 2007).

Se o intercurso sexual é necessário para a reprodução, é de se esperar que existam fortes pressões evolutivas sobre mecanismos que regulam o funcionamento sexual para atuar de maneira ideal (Apostolou, 2015). Nesse sentido, desejo, excitação e orgasmo podem ser pensados como alguns dos mecanismos que motivam a relação sexual (Giles, 2008). De acordo com DSM-V, a resposta sexual saudável é definida como um conjunto de quatro etapas sucessivas que envolvem esses três aspectos citados (desejo, excitação, orgasmo) e a fase de resolução. Assim, a função sexual normal pode ser entendida como aquela na qual a resposta sexual passa pelas fases de excitação até a de relaxamento sem problemas.

Especificamente no caso da resposta sexual masculina, pode-se dizer que ela é composta por cinco fases: desejo sexual, excitação e manutenção da ereção, ejaculação, orgasmo e período refratário (McCullough, 2001). O desejo pode ser caracterizado como a

fase na qual ocorrem fantasias sobre a atividade sexual. Ele pode ser definido como a motivação para buscar objetos sexuais ou se engajar em atividades sexuais (Diamond, 2004). A excitação, por sua vez, consiste em um sentimento subjetivo de prazer que ocorre juntamente com alterações fisiológicas. No caso dos homens, a excitação desencadeia uma ereção, onde ocorre a dilatação das artérias do pênis, aumento do fluxo sanguíneo e maior entrada de sangue nos tecidos eréteis. Já a ejaculação, consiste em contrações rítmicas dos músculos do assoalho pélvico que resultam na ejaculação pulsátil do fluido seminal acumulado. Quase simultaneamente à ejaculação, ocorre o orgasmo, caracterizado pelo ápice do prazer sexual. No entanto, vale sinalizar que o orgasmo pode acontecer sem a presença do líquido seminal. Por fim, o período refratário é a fase na qual há o retorno do corpo ao estado basal, como redução dos batimentos cardíacos e diminuição do fluxo sanguíneo (flacidez peniana; McCullough, 2001).

O primeiro questionário auto-administrado para avaliar a função sexual masculina foi o *Brief Male Sexual Function Inventory* (BSFI), proposto por O’Leary et al. (1995). Este instrumento considerava apenas as últimas quatro semanas de atividade sexual, com o intuito de evitar influências de condições agudas de curto prazo e também, por não se tratar de tempo extenso, permite relatar as experiências sexuais que são variáveis no cotidiano (Silva, 2018). Posteriormente, Kalmbach, Ciesla, Janata e Kingsberg (2014) adaptaram e validaram o *Male Sexual Function Index* (MSFI) a partir do *Female Sexual Function Index* (FSFI), sendo possível fazer comparações entre os sexos utilizando esses dois instrumentos. O FSFI foi construído baseado no BSFI e é utilizado para avaliar a função sexual feminina. O MSFI também consiste em um questionário autoaplicável e avalia a função sexual nas últimas quatro semanas, contendo 16 itens que abarcam cinco fatores. Itens 1 e 2 para fator desejo, 3 a 6 para excitação, 7 a 10 para ereção, 11 a 13 para orgasmo, e 14 a 16 para satisfação sexual, emocional e geral.

Considerando os aspectos mencionados, nota-se que muitos estudos sobre a função sexual masculina focam nas disfunções e são comumente realizados com amostras clínicas. Existe literatura sobre função sexual em pacientes com diferentes enfermidades como diabetes, dor crônica e problemas cardiovasculares (Anderson, Sawyer, & Chan, 2006; Goldstein et al., Solomon, 2003). Especialmente no caso de homens homossexuais, a função sexual é extensivamente estudada com amostras de pacientes portadores do vírus HIV (Cove & Petrak, 2004; Lallemand, Salhi, Linard, Giami, & Rozenbaum, 2002; Newshan, Taylor, & Gold, 1998).

No que se refere às diferentes orientações sexuais, não faz sentido estudar problemas sexuais em homens homossexuais a partir do funcionamento heterossexual, pelo fato de homens homossexuais não praticarem o sexo vaginal, sendo necessária outra perspectiva. Além disso, a sexualidade não engloba somente aspectos fisiológicos, mas também aspectos psicológicos e sociais (Sandfort & Keizer, 2016).

Existem diferenças entre a sexualidade de homossexuais e heterossexuais, no nível físico e psicológico, documentadas. Mulheres homossexuais apresentaram menor probabilidade de sofrerem disfunção sexual em comparação com as mulheres heterossexuais (Silva, 2016). Sabe-se que homens homossexuais apresentaram maiores níveis de excitação comparados aos heterossexuais (Torres, Silva, Souza, & Silva Júnior, 2019). Em relação à dinâmica de casais homossexuais e heterossexuais, foi observado que casais homossexuais dedicavam mais tempo com os sentimentos de prazer do outro e não se preocupavam em se apressar para atingir o orgasmo, nem em atingir o orgasmo simultaneamente (Masters & Johnson, 1979). Ainda explorando a dinâmica entre casais do mesmo sexo e do sexo oposto, encontrou-se que indivíduos em relacionamentos do mesmo sexo reportaram maiores níveis de desejo em comparação a indivíduos em relacionamentos do sexo oposto (Holmberg & Blair, 2009).

Uma característica que distingue as relações sexuais dos homens homossexuais são as preferências por posições sexuais, que variam desde a preferência exclusiva por penetrar o parceiro (insertivo) até exclusivamente ser penetrado pelo parceiro (receptivo), e aqueles que preferem penetrar e ser penetrados (versáteis; Silva, 2018; Zheng, Hart, & Zheng, 2013). Analisando as diferentes performances sexuais em homens homossexuais, observou-se que homossexuais insertivos apresentaram maiores índices de massa corporal e maiores tamanhos penianos (Moskowitz & Hart, 2014). Embora o estudo de Moskowitz e Hart (2014) tenha levado em consideração diferentes performances sexuais, não se encontram na literatura artigos que estudam a função sexual nos diferentes grupos de homossexuais (i.e., insertivos, versáteis, receptivos). Nesse sentido, o pleno entendimento de diferentes características específicas de homens heterossexuais, bissexuais e homossexuais, bem como da versatilidade sexual, fica comprometido.

Dentro de uma perspectiva evolucionista, busca-se entender um comportamento a partir de causas distais (i.e., como esse padrão surgiu na história filogenética do ser humano e qual a sua função para sobrevivência e reprodução). Seguindo essa linha de raciocínio, a homossexualidade pode ser considerada um desafio, pois é um comportamento que não permite a reprodução – então, por que esse comportamento se mantém? Existem muitas hipóteses para se explicar a origem da homossexualidade. Algumas alegam que os homossexuais compensariam a falta de filhos ao promover a aptidão reprodutiva dos parentes, cuidando da prole (aptidão abrangente), outras se baseiam em aspectos genéticos e hormonais (Kirkpatrick, 2000). Contudo, independente da homossexualidade ter um valor adaptativo, é possível estudar diferenças individuais na sexualidade voltando-se para as causas proximais do comportamento.

Olhando para aspectos ontogenéticos, a teoria da história de vida permite entender como o ambiente de desenvolvimento do indivíduo pode influenciar aspectos

comportamentais. Variações em fatores ecológicos, como disponibilidade de alimentos e parceiros, levam a diferentes estratégias de alocação de recursos, o que acarreta na variação entre espécies e dentro das espécies (Giudice, Gangestad, & Kaplan, 2015). As estratégias de alocação de recursos variam em um contínuo de estratégias de desenvolvimento mais aceleradas até estratégias mais lentas. Ambientes mais imprevisíveis, com falta de cuidado parental, tendem a promover estratégias de desenvolvimento mais aceleradas, marcadas por puberdade precoce, início antecipado da atividade sexual, preferência por relacionamentos de curto-prazo (Belsky, Schlomer, & Ellis, 2012). Percebe-se, portanto, que condições ambientais influenciam as estratégias sexuais. E, um marcador comportamental das estratégias de história de vida é a sociossexualidade – propensão de um indivíduo se engajar em sexo casual.

Na literatura, muitos estudos sobre sociossexualidade evidenciam diferenças entre os sexos, com homens mostrando mais irrestrição sexual que as mulheres. A hipótese evolutiva para essas diferenças se baseia na teoria do investimento parental (Howell et al., 2012): Como na espécie humana o investimento parental é maior para as mulheres (gasto energético com a gravidez), elas tenderiam a ser mais seletivas e se envolverem com mais frequência em relacionamentos de longo-prazo. Em contrapartida, os homens tenderiam a se engajar com mais frequência em relacionamentos de curto-prazo, quando comparados com elas (Schmitt, 2007; Trivers, 1972).

No caso de diferentes orientações sexuais, pesquisas mostram que homens homossexuais e bissexuais tendem a ser mais irrestritos sexualmente comparados a homens heterossexuais (Schmitt, 2007). A explicação para essas diferenças residiria na ideia de que homossexuais e bissexuais possuem mais parceiros potenciais disponíveis que, quando possível, tendem a buscar vários relacionamentos de curto-prazo (Schmitt, 2005). Ademais, a irrestrição de homens heterossexuais seria moderada pela maior restrição das mulheres.

O estudo de Timmers e Chivers (2012) foi o primeiro a evidenciar a relação entre homossexualidade e excitação sexual. Foram realizadas avaliações de excitação sexual (autorrelato e genital) de 23 mulheres e 20 homens a condições em que os alvos sexuais eram desconhecidos (estranhos) ou familiares (amigos e parceiros de relacionamento de longo prazo) ao participante. Também foram feitas análises em contextos de relacionamento com estranhos e amigos (relacionamentos não comprometidos) ou com parceiros de relacionamento de longo prazo (relacionamentos comprometidos). Maior irrestrição sexual foi preditivo do aumento da resposta genital a alvos familiares e desconhecidos de homens e mulheres. Mulheres com uma homossexualidade mais irrestrita também mostraram maior resposta genital a contextos de relacionamento não comprometidos e comprometidos com parceiros do sexo masculino.

Partindo do supracitado, entende-se que a sexualidade é plurideterminada, além de se constituir como um aspecto da identidade do indivíduo. Além disso, tendo em vista que na literatura existem estudos evidenciando que pessoas em relacionamento são mais restritas quando comparadas a pessoas solteiras (Bailey, 2000; Edelstein, Chopik, & Kean, 2011), o objetivo desse estudo foi investigar as relações entre orientação sexual, homossexualidade e função sexual de homens. Para tal fim, tiveram-se os seguintes objetivos específicos: (1) investigar o poder preditivo da orientação sexual (heterossexual, homossexual e bissexual) e do status do relacionamento de homens, tomando a homossexualidade como variável critério; (2) investigar possíveis diferenças na homossexualidade de homens homossexuais, em função de suas diferentes performances sexuais; (3) investigar o poder preditivo da orientação sexual, do status do relacionamento e da homossexualidade (fator geral), tomando a função sexual nos domínios do desejo, da excitação, da satisfação e do orgasmo como variáveis critério.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 568 homens adultos, com idade variando entre 18 e 66 anos ($M = 29,21$, $DP = 10,22$) e renda familiar aproximada variando entre 800 e 60 mil reais ($M = 8.967,32$, $DP = 8.188,95$). As estatísticas das variáveis categóricas são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1

Estatísticas Descritivas da composição da amostra, e dados socioeconômicos

Variável	Frequência	%
Orientação sexual		
Heterossexual	247	43,5
Bissexual	102	18,0
Homossexual	219	38,6
Grau de instrução		
Fundamental incompleto	1	0,2
Médio incompleto	3	0,5
Médio completo	28	4,9
Graduação incompleta	201	35,4
Graduação completa	100	17,6
Pós-graduação incompleta	71	12,5
Pós-graduação completa	163	28,7
Raça/cor declarada		
Branco	288	50,7
Pardo	209	36,8
Amarelo	9	1,6
Negro	56	9,9
Indígena	3	0,5
Outro	3	0,5

Nota. Somas das porcentagens podem não totalizar 100% devido ao arredondamento.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. O questionário contém questões sobre orientação sexual, idade, renda familiar, cidade onde mora, além de questões referentes a aspectos da saúde, como cirurgias penianas, anais, uso medicamentos psiquiátricos, e sorologia para HIV. Além disso, os participantes foram solicitados a indicar sua preferência pela performance sexual (insertivo, insertivo/versátil, versátil, receptivo/versátil e receptivo).

Grade de Orientação Sexual de Klein (Klein Sexual Orientation Grid - KSOG; Klein, Sepekoff, & Wolf, 1985). Baseado na escala Kinsey, o instrumento é composto de sete itens, que avalia o grau de interesse em pessoas do mesmo sexo e/ou do sexo oposto nas seguintes dimensões da orientação sexual: atração sexual, comportamento sexual, fantasias sexuais, preferência emocional, preferência social, preferência de vida e identidade sexual. Os itens são mensurados em uma escala tipo *Likert* de sete pontos variando de 1 a 7. Para os primeiros cinco itens, os rótulos têm os seguintes significados: 1 = *apenas o sexo oposto*, 2 = *o sexo oposto predominantemente*, 3 = *muito mais o outro sexo*, 4 = *ambos os sexos*, 5 = *muito mais o mesmo sexo*, 6 = *o mesmo sexo predominantemente*, 7 = *apenas o mesmo sexo*. Para os dois itens finais, os rótulos têm os seguintes significados: 1 = *unicamente heterossexual(ais)*, 2 = *predominantemente heterossexual(ais)*, 3 = *muito mais heterossexual(ais)*, 4 = *ambas as sexualidades*, 5 = *muito mais homossexual(ais)*, 6 = *predominantemente homossexual(ais)*, 7 = *unicamente homossexual(ais)*. Para cada item, o respondente emite três respostas, considerando o passado (a vida toda até um ano atrás), o presente (até 12 meses atrás) e a situação ideal (como gostaria que fosse), totalizando 21 respostas. Nesta pesquisa foi utilizado somente as respostas do item identidade sexual para atribuição da orientação sexual dos participantes.

Inventário de Orientação Sociossexual Revisado (SOI-R-Brasil; Nascimento, Hanel, Monteiro, Gouveia, & Little, 2018). O instrumento é composto de nove itens,

agrupados em três fatores: comportamento, atitude e desejo. Os itens do fator comportamento estão relacionados à frequência em comportamentos sexuais, sendo mensurados em uma escala ordinal com nove opções (0, 1, 2, 3, 4, 5 a 6, 7 a 9, 10 a 19, 20 ou mais). Os itens do fator atitude e desejo são mensurados em uma escala tipo Likert de concordância de nove pontos, variando de 1 (*Discordo Totalmente*) a 9 (*Concordo Totalmente*). O domínio do comportamento afere o comportamento sexual passado, o da atitude avalia o quanto o indivíduo necessita de uma proximidade emocional antes de se engajar em uma relação sexual sem compromisso e, por fim, o desejo mensura fantasias sexuais e excitação sexual, referentes ao interesse sexual.

Índice de Função Sexual Masculina (Male Sexual Function Index - MSFI), traduzido e adaptado do original de Kalmbach, Ciesla, Janata e Kingsberg, 2014, por Silva (2018). O MSFI consiste em 16 itens que avaliam o funcionamento sexual de indivíduos do sexo masculino, cobrindo os domínios de desejo, ereção, excitação, orgasmo, satisfação sexual e geral. Dois itens para desejo (mensuram a frequência e o grau da vontade de ter relações sexuais), quatro itens para excitação (mensuram a frequência, grau, confiança e satisfação sobre se sentir sexualmente excitado), quatro itens para ereção (medem a frequência e dificuldade em ter e manter o pênis ereto durante a relação sexual), três itens para orgasmo (avaliam a frequência, a dificuldade e a satisfação ao atingir o orgasmo) e, por fim, três itens para a satisfação (medem o quanto o indivíduo está satisfeito com a proximidade emocional e relacionamento sexual com a(o) parceira(o) e o quanto o indivíduo está satisfeito com a sua vida sexual). A versão em língua portuguesa apresenta índices de consistência interna que variaram de 0,82 a 0,98. O MSFI possui três itens com escores variando de 1 (quase sempre ou sempre) a 5 (quase nunca ou nunca), e treze itens também com escores variando de 1 (quase sempre ou sempre) a 5 (quase nunca ou nunca), com a inclusão da opção *Nenhuma*

atividade nas últimas quatro semanas. Nesta pesquisa, foram utilizados apenas os domínios do desejo, excitação, orgasmo e satisfação.

Procedimento

Os dados foram coletados a partir de uma plataforma *online*, por meio da ferramenta “Google Forms”. Os participantes foram selecionados por conveniência e por divulgação do *link* da pesquisa em páginas da internet e redes sociais, e todas as respostas ocorreram à distância por meio de aparelhos eletrônicos como celular ou computador.

Análise de Dados

Os dados foram sumarizados e interpretados por meio de estatísticas descritivas e inferenciais. As análises realizadas para atingir cada um dos objetivos previamente descritos são relatadas a seguir.

Objetivo 1. De modo a testar o poder preditivo da orientação sexual e do status do relacionamento sobre a sociossexualidade, quatro regressões hierárquicas foram conduzidas (método *Enter*), tendo os fatores do SOI, bem como o fator geral, como variáveis critério em cada modelo de regressão. Como a orientação sexual consiste em uma variável categórica com três níveis, duas variáveis *dummies* foram criadas, sendo que o grupo heterossexual foi a categoria de referência nas duas variáveis (i.e., recebeu o valor 0 em ambas as variáveis *dummies*). O grupo homossexual recebeu o valor 1 na primeira variável *dummy* e o grupo bissexual recebeu o valor 1 na segunda variável *dummy*. Em cada um desses modelos, a orientação sexual foi inserida no bloco 1 da regressão, por meio das duas variáveis *dummies*. No bloco 2, foi inserida a variável status do relacionamento, sendo 0 = solteiro e 1 = em relacionamento. A significância dos modelos foi verificada por meio de ANOVAs, sendo também reportados os percentuais de variância explicada de cada modelo (R^2), bem como os resumos dos modelos (i.e., coeficientes, testes *t* e significância dos preditores individuais). Nestas análises, valores positivos dos coeficientes indicam maior irrestrrição para homens

homossexuais e bissexuais (a depender de qual variável *dummy* foi significativa) e para homens em relacionamento. Na seção de resultados, para estas regressões e para as demais a seguir descritas, são apresentados os resumos de todos os modelos e de todos os preditores, quer significativos ou não, para fins de completude.

Objetivo 2. Quatro ANOVAs unifatoriais foram conduzidas, para comparar a homossexualidade de homossexuais de diferentes performances sexuais.

Objetivo 3. De modo a investigar o poder preditivo da orientação sexual, do status do relacionamento e da homossexualidade na função sexual, quatro regressões hierárquicas foram conduzidas (método *Enter*), tendo os domínios do desejo, da excitação, da satisfação e do orgasmo como variáveis critério. Os escores nos diferentes domínios foram calculados com base nas respostas dadas no MSFI, para desejo (frequência e grau), excitação (frequência, nível, confiança e frequência de satisfação) e orgasmo (frequência, dificuldade e satisfação). Em todos os modelos, no bloco 1, o status do relacionamento foi inserido como variável preditora, uma vez que a qualidade do relacionamento amoroso é comumente relacionada à qualidade da vida sexual do casal (Sprecher, 1998; Wincze & Carey, 2001). A seguir, no bloco 2, foi inserida a orientação sexual, seguida da homossexualidade (fator geral), no bloco 3. A opção por inserir a orientação sexual previamente se deu para manter a coerência com os modelos testados no objetivo 1, visando identificar se a homossexualidade foi capaz de explicar uma porção da variância na função sexual, para além daquela variância previamente explicada por status do relacionamento e orientação sexual.

Resultados

Somossexualidade, Status do Relacionamento e Orientação Sexual

As Tabelas 2–5 apresentam os resumos das regressões hierárquicas predizendo a homossexualidade nos fatores comportamento, atitude, desejo e fator geral, respectivamente. Quando a variável critério de interesse foi o comportamento (Tabela 2), apenas a orientação

sexual previu significativamente a variável de saída (ver Modelo 2). Os coeficientes indicaram que tanto homossexuais quanto bissexuais foram significativamente mais irrestritos que heterossexuais. Nota-se ainda que o maior coeficiente para a variável *dummy* do contraste Hetero × Homo sugeriu uma diferenciação desses grupos quanto ao nível de irrestrição. Tomadas em conjunto, as duas variáveis *dummies* explicaram 10% da variância no fator comportamento. Considerando-se o fator atitude como variável critério (Tabela 3), novamente apenas a orientação sexual foi uma preditora significativa. Mais uma vez, homossexuais e bissexuais foram mais irrestritos que heterossexuais. Esse modelo explicou apenas 2,1% da variância. No modelo que tomou o fator desejo como variável critério (Tabela 4), tanto a orientação sexual quanto o status do relacionamento foram preditores significativos. Homens homossexuais e bissexuais foram mais irrestritos que heterossexuais. Neste caso, os coeficientes padronizados indicaram que os bissexuais e os homossexuais divergiram igualmente em nível de irrestrição dos heterossexuais. Além disso, homens solteiros foram significativamente mais irrestritos no desejo que homens em relacionamento, conforme indicado pelo coeficiente ($\beta = -0,24$). Tomadas em conjunto, as variáveis predictoras explicaram 10,2% da variância no fator desejo.

Por fim, no modelo que tentou prever o fator geral do SOI (Tabela 5), o padrão que emergiu foi similar àquele do desejo: Orientação sexual e status do relacionamento foram predictoras da sociossexualidade geral. Homossexuais e bissexuais foram mais irrestritos que heterossexuais, enquanto que homens solteiros foram mais irrestritos que homens em relacionamento. Ambas as variáveis explicaram 10,3% da variância na sociossexualidade.

Performance Sexual de Homossexuais e Sociossexualidade

As ANOVAs unifatoriais indicaram que não houve diferenças na sociossexualidade em função das performances de homossexuais, $F(4, 213) \leq 1,90$, $ps \geq 0,11$. Desse modo, em

todos os fatores da homossexualidade (bem como no fator geral), homossexuais parecem não diferir em função de suas performances.

Sociossexualidade como Preditor da Função Sexual

As Tabelas 6–9 apresentam os resumos das regressões hierárquicas predizendo a função sexual, nos domínios do desejo, da excitação, da satisfação e do orgasmo como variáveis critério.

No modelo que buscou prever o desejo, o status do relacionamento e o SOI geral foram preditores significativos (ver Tabela 6, Modelo 3). Esse resultado indicou que estar em relacionamento e ser mais irrestrito predizem maiores níveis de desejo. Essas duas variáveis explicaram, em conjunto, 6,8% da variância no desejo.

Quando a variável critério de interesse foi a excitação, todas as variáveis foram preditoras significativas (ver Tabela 7). Estar em relacionamento e ser mais irrestrito predizem maiores níveis de excitação. Quanto à orientação sexual, apenas o contraste Hetero × Homo foi significativo, indicando que heterossexuais apresentaram maior excitação que homossexuais. A variância explicada foi de 21,4%.

No modelo que buscou prever a satisfação, novamente o status do relacionamento e o SOI geral foram preditores significativos (ver Tabela 8, Modelo 3). Esse resultado indicou que estar em relacionamento e ser mais irrestrito predizem maiores níveis de satisfação. Ambas as variáveis, neste modelo, explicaram 24,3% da variância no desejo.

Por fim, o status do relacionamento e o SOI geral também foram preditores do orgasmo (ver Tabela 9, Modelo 3), resultado que indicou que estar em relacionamento e ser mais irrestrito predizem maiores níveis de orgasmo. A variância explicada do orgasmo foi de 15,4%.

Tabela 2

Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Sociossexualidade—Fator Comportamento

Variável preditora	<i>b</i>	EP(<i>b</i>)	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1, $F(2, 539) = 28,40, p < 0,001, R^2 = 0,095$					
Orientação (Hetero \times Homo)	1,74	0,23	0,33	7,54	< 0,001
Orientação (Hetero \times Bi)	0,85	0,30	0,13	2,88	0,004
Modelo 2, $F(3, 538) = 19,98, p < 0,001, R^2 = 0,10$					
Orientação (Hetero \times Homo)	1,66	0,24	0,32	7,06	< 0,001
Orientação (Hetero \times Bi)	0,78	0,30	0,12	2,62	0,009
Status do relacionamento	-0,37	0,21	-0,07	-1,71	0,09

Tabela 3

Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Sociossexualidade—Fator Atitude

Variável preditora	<i>b</i>	EP(<i>b</i>)	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1, $F(2, 539) = 5,176, p = 0,006, R^2 = 0,019$					
Orientação (Hetero × Homo)	0,61	0,21	0,13	2,85	0,005
Orientação (Hetero × Bi)	0,67	0,27	0,11	2,44	0,015
Modelo 2, $F(3, 538) = 3,86, p = 0,009, R^2 = 0,021$					
Orientação (Hetero × Homo)	0,56	0,22	0,12	2,57	0,01
Orientação (Hetero × Bi)	0,62	0,28	0,11	2,27	0,024
Status do relacionamento	-0,22	0,20	-0,05	-1,11	0,27

Tabela 4

Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Sociossexualidade—Fator Desejo

Variável preditora	<i>b</i>	EP(<i>b</i>)	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1, $F(2, 539) = 12,66, p < 0,001, R^2 = 0,045$					
Orientação (Hetero × Homo)	0,96	0,22	0,20	4,42	< 0,001
Orientação (Hetero × Bi)	1,07	0,28	0,18	3,87	< 0,001
Modelo 2, $F(3, 538) = 20,27, p < 0,001, R^2 = 0,102$					
Orientação (Hetero × Homo)	0,71	0,22	0,15	3,31	0,001
Orientação (Hetero × Bi)	0,85	0,27	0,14	3,15	0,002
Status do relacionamento	-1,13	0,20	-0,24	-5,83	< 0,001

Tabela 5

Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Sociossexualidade—Geral

Variável preditora	<i>b</i>	EP(<i>b</i>)	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1, $F(2, 539) = 23,34, p < 0,001, R^2 = 0,08$					
Orientação (Hetero × Homo)	1,10	0,17	0,29	6,61	< 0,001
Orientação (Hetero × Bi)	0,86	0,21	0,18	4,05	< 0,001
Modelo 2, $F(3, 538) = 20,64, p < 0,001, R^2 = 0,103$					
Orientação (Hetero × Homo)	0,98	0,17	0,26	5,81	< 0,001
Orientação (Hetero × Bi)	0,75	0,21	0,16	3,54	< 0,001
Status do relacionamento	-0,57	0,15	-0,16	-3,76	< 0,001

Tabela 6

Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo o Desejo (MSFI)

Variável preditora	<i>b</i>	EP(<i>b</i>)	β	<i>T</i>	<i>p</i>
Modelo 1, $F(1, 540) = 0,59, p = 0,44, R^2 = 0,001$					
Status do relacionamento	0,20	0,26	0,03	0,77	0,44
Modelo 2, $F(3, 538) = 0,84, p = 0,47, R^2 = 0,005$					
Status do relacionamento	0,27	0,26	0,05	1,04	0,30
Orientação (Hetero \times Homo)	0,37	0,29	0,06	1,29	0,20
Orientação (Hetero \times Bi)	0,36	0,36	0,05	0,98	0,33
Modelo 3, $F(4, 537) = 9,73, p < 0,001, R^2 = 0,068$					
Status do relacionamento	0,52	0,26	0,09	2,02	0,04
Orientação (Hetero \times Homo)	-0,05	0,29	-0,008	-0,16	0,87
Orientação (Hetero \times Bi)	0,03	0,36	0,004	0,09	0,93
SOI Geral	0,43	0,07	0,27	6,02	< 0,001

Tabela 7

Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Excitação (MSFI)

Variável preditora	<i>b</i>	EP(<i>b</i>)	β	<i>t</i>	<i>P</i>
Modelo 1, $F(1, 540) = 89,99, p < 0,001, R^2 = 0,143$					
Status do relacionamento	5,41	0,57	0,38	9,49	< 0,001
Modelo 2, $F(3, 538) = 29,96, p < 0,001, R^2 = 0,143$					
Status do relacionamento	5,36	0,58	0,37	9,18	< 0,001
Orientação (Hetero \times Homo)	-0,28	0,64	-0,02	-0,43	0,67
Orientação (Hetero \times Bi)	-0,14	0,81	-0,01	-0,17	0,86
Modelo 3, $F(4, 537) = 36,45, p < 0,001, R^2 = 0,214$					
Status do relacionamento	5,99	0,57	0,42	10,55	< 0,001
Orientação (Hetero \times Homo)	-1,35	0,64	-0,09	-2,12	0,04
Orientação (Hetero \times Bi)	-0,97	0,79	-0,05	-1,23	0,22
SOI Geral	1,10	0,16	0,28	6,93	< 0,001

Tabela 8

Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo a Satisfação (MSFI)

Variável preditora	<i>b</i>	EP(<i>b</i>)	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1, $F(1, 540) = 150,92, p < 0,001, R^2 = 0,218$					
Status do relacionamento	4,50	0,37	0,47	12,86	< 0,001
Modelo 2, $F(3, 538) = 50,68, p < 0,001, R^2 = 0,22$					
Status do relacionamento	4,55	0,38	0,47	12,13	< 0,001
Orientação (Hetero \times Homo)	0,11	0,41	0,01	0,27	0,79
Orientação (Hetero \times Bi)	0,59	0,52	0,05	1,13	0,26
Modelo 3, $F(4, 537) = 43,10, p < 0,001, R^2 = 0,243$					
Status do relacionamento	4,79	0,38	0,50	12,78	< 0,001
Orientação (Hetero \times Homo)	-0,30	0,42	-0,03	-0,71	0,48
Orientação (Hetero \times Bi)	0,27	0,52	0,02	0,52	0,60
SOI Geral	0,42	0,11	0,16	4,01	< 0,001

Tabela 9

Resumo da Análise de Regressão Hierárquica Predizendo o Orgasmo (MSFI)

Variável preditora	<i>b</i>	EP(<i>b</i>)	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1, $F(1, 540) = 67,43, p < 0,001, R^2 = 0,111$					
Status do relacionamento	3,45	0,42	0,33	8,21	< 0,001
Modelo 2, $F(3, 538) = 22,70, p < 0,001, R^2 = 0,112$					
Status do relacionamento	3,53	0,43	0,34	8,21	< 0,001
Orientação (Hetero \times Homo)	0,38	0,47	0,04	0,79	0,43
Orientação (Hetero \times Bi)	0,42	0,60	0,03	0,70	0,49
Modelo 3, $F(4, 537) = 24,41, p < 0,001, R^2 = 0,154$					
Status do relacionamento	3,88	0,43	0,38	9,11	< 0,001
Orientação (Hetero \times Homo)	-0,22	0,48	-0,02	-0,46	0,65
Orientação (Hetero \times Bi)	-0,04	0,59	-0,003	-0,07	0,95
SOI Geral	0,61	0,12	0,22	5,13	< 0,001

Discussão

Neste estudo, buscou-se verificar possíveis diferenças na homossexualidade e função sexual de homens de diferentes orientações sexuais. Encontrou-se que homens heterossexuais foram mais restritos que homossexuais em todos os domínios e mais restritos que bissexuais no desejo e no escore total. Homens solteiros foram mais irrestritos no desejo e no escore total que homens em relacionamento. A orientação sexual e o status do relacionamento foram preditores da homossexualidade. Em relação às performances sexuais, não foram encontradas diferenças significativas na homossexualidade de homossexuais insertivos, insertivos/versáteis, versáteis, receptivos e receptivos/versáteis. Quanto à função sexual, os resultados mostraram que quanto maior a irrestrição sexual, maiores os níveis de orgasmo, desejo, excitação e satisfação. O status do relacionamento também foi preditor da função sexual, com homens em relacionamento apresentando maiores níveis de orgasmo, desejo, excitação e satisfação. A orientação sexual só foi preditora da função sexual no domínio da excitação, com homens heterossexuais apresentando maiores níveis que homens homossexuais. A seguir, tais achados são discutidos, considerando a relação deles com achados na literatura e possíveis implicações.

Com relação à orientação homossexual, diferenças entre homens heterossexuais e homossexuais já foram relatadas. Schmitt (2007) encontrou que homens homossexuais e bissexuais demonstraram maior irrestrição no comportamento quando comparados a homens heterossexuais. O presente estudo também encontrou diferenças entre as orientações sexuais, com homossexuais mostrando maior irrestrição que os heterossexuais. Não obstante, é importante frisar que a variância explicada pela orientação sexual foi pequena, sugerindo que a orientação sexual em si pode exercer uma influência pequena sobre a homossexualidade. Outra questão a ser pontuada é que

Schmitt (2007) não controlou o status do relacionamento. Sabendo que indivíduos em relacionamento tendem a ser mais restritos (Bailey, 2000; Edelstein, Chopik, & Kean, 2011), não controlar o status do relacionamento pode acarretar na comparação indevida entre homossexuais solteiros com heterossexuais em relacionamento e potencializar a irrestrição encontrada nos homossexuais.

Neste estudo, o status do relacionamento foi investigado e indicou relação com a homossexualidade, com homens solteiros apresentando maior irrestrição que homens em relacionamento no desejo e escore total. Homens tendem a procurar oportunidades sexuais de curto prazo com mais frequência que as mulheres, apresentando maior irrestrição sexual (Schmitt, 2007). Partindo da perspectiva da teoria da história de vida, é coerente esperar que homens em relacionamento demonstrem uma maior restrição sexual em relação aos solteiros. Estudos já demonstraram, por exemplo, que homens expostos a uma condição (*priming*) de abundância de parceiros relataram maiores níveis de irrestrição nos domínios da atitude e do desejo, enquanto em situação de escassez de parceiros adotaram uma orientação homossexual mais restrita (Arnocky, Woodruff, & Schmitt, 2016). Porém, é válido sinalizar que a variância explicada pelo status do relacionamento foi pequena, sendo necessárias outras investigações. Embora a orientação sexual e o status do relacionamento tenham apresentado efeitos significativos nas regressões, ressalta-se que o poder explicativo dessas variáveis foi baixo, especialmente no fator atitude. Assim, há uma porção grande da variância nos dados que permaneceram sem explicação, o que indica que outras variáveis podem explicar a homossexualidade.

Em relação às performances sexuais, não foram encontradas diferenças significativas na homossexualidade de homossexuais insertivos, insertivos/versáteis, versáteis, receptivos e receptivos/versáteis.

Quanto à função sexual, os resultados mostraram que quanto maior a irrestrição sexual, maiores os níveis de orgasmo, desejo, excitação e satisfação. A função sexual é comumente investigada a partir de um viés patológico, com um enfoque fisiológico voltado para problemas de disfunções sexuais. Especificamente nos estudos com homens, investiga-se com frequência disfunção erétil e ejaculação precoce. A relação encontrada entre homossexualidade e função sexual neste estudo evidencia a existência de fatores psicológicos subjacentes a função sexual.

O status do relacionamento também foi preditor da função sexual, com homens em relacionamento apresentando maiores níveis de orgasmo, desejo, excitação e satisfação. A orientação sexual só foi preditora da função sexual no domínio da excitação, com homens heterossexuais apresentando maiores níveis que homens homossexuais. Encontram-se na literatura estudos que demonstram diferenças entre heterossexuais e homossexuais no que diz respeito à satisfação sexual, com heterossexuais reportando menores níveis de satisfação sexual (Gil, 2007). Os resultados do presente estudo, no entanto, não evidenciaram diferenças entre esses dois grupos. Sabe-se que a sexualidade é parte integrante da maioria dos relacionamentos românticos e a relação romântica/sexual é comumente percebida como a relação mais próxima e íntima que um indivíduo tem. Assim, é comum que a qualidade do relacionamento amoroso seja diretamente relacionada à qualidade da vida sexual do casal (Sprecher, 1998; Wincze & Carey, 2001). Entendendo a sexualidade não só como uma variedade de comportamentos sexuais, mas também como uma dimensão que envolve outros aspectos, como desejo sexual, comunicação e crenças (Sprecher, Christopher, & Cate, 2006), é compreensível encontrar maior satisfação, bem como maiores níveis de desejo, orgasmo e excitação, em pessoas em relacionamento.

Evidenciou-se que a homossexualidade foi preditora da função sexual, com homens mais irrestritos apresentando maiores níveis de desejo, excitação, orgasmo e satisfação. O estudo de Timmers e Chivers (2012) demonstrou que pessoas mais irrestritas apresentaram aumento na resposta genital (excitação). Tais achados sugerem que diferenças na excitação sexual podem estar condicionadas a diferenças individuais na homossexualidade. Torres et al. (2019) encontraram que homens homossexuais apresentaram maiores níveis de excitação que heterossexuais. No presente trabalho, encontrou-se o contrário: homens heterossexuais apresentaram maiores níveis de excitação que homens homossexuais. É importante frisar, no entanto, que os instrumentos utilizados foram diferentes. Torres et al. (2019) utilizou a Escala de Inibição/Excitação Sexual Masculina (Fonseca & Gouveia, 2005), que mensura a tendência para a inibição sexual (SIS1/SIS2) e para excitação sexual (SES). As análises foram realizadas com base na correlação entre o SIS2 (inibição devido às consequências do desempenho, como o medo de ser contaminado por doenças sexualmente transmissíveis ou engravidar a parceira) e o SES (o quanto o indivíduo se sente sexualmente excitado diante de um potencial estímulo sexual, como fantasias, estímulos visuais, parceira(o) sexual, etc).

No que tange às performances sexuais, já foi demonstrado que entre os homens insertivos, quanto maior a irrestrição sexual, maior a preferência por faces masculinas mais feminilizadas e que entre homens receptivos quanto maior a irrestrição sexual, maior a preferência por faces masculinas mais masculinizadas (Zheng, Hart, & Zheng, 2013). Entretanto, não foi comparado diferenças na homossexualidade entre as performances. O presente estudo investigou esse aspecto, porém não foram encontradas diferenças significativas na homossexualidade de homossexuais de diferentes performances. Apesar disso, considerar as performances sexuais é importante para

compreender melhor possíveis diferenças na sexualidade de indivíduos homossexuais, tendo em vista que os homossexuais não se constituem como um grupo homogêneo. Ademais, é possível que tal resultado indique a existência de uma psicologia sexual masculina comum aos homossexuais independente da performance sexual da sua preferência, indicando que fatores proximais relacionados à prática sexual não afetam o comportamento de maneira global.

O presente trabalho buscou compreender as diferenças individuais na sociossexualidade e função sexual de homens de diferentes orientações sexuais utilizando o status do relacionamento como variável moderadora. Os resultados obtidos demonstraram que tanto a orientação sexual quanto o status do relacionamento previram diferenças na sociossexualidade e na função sexual. A própria sociossexualidade exerceu grande influência sobre a função sexual. A sociossexualidade é considerada um marcador comportamental das estratégias de história de vida, indicando estratégias mais lentas ou mais aceleradas se mais restrita ou mais irrestrita. Embora a orientação sexual prediz diferenças na sociossexualidade mediada pelo status do relacionamento, não está suficientemente claro, por meio dos resultados, a relação entre as três variáveis. Mais evidente foi a relação entre a sociossexualidade e a função sexual, uma vez que a sociossexualidade previu de modo mais distinto quatro aspectos da função sexual, desejo sexual, excitação, orgasmo e satisfação. Homens heterossexuais, e talvez os bissexuais, por estarem sobre maior pressão reprodutiva devido ao relacionamento com mulheres podem se tornar mais restritos que os homossexuais, investindo mais no esforço parental que no esforço para o acasalamento. Já foi hipotetizado que devido à maior restrição sexual das mulheres, os homens heterossexuais tenderiam a ser mais restritos quando comparados aos homossexuais (Schmitt, 2007), e essa condição implicaria na mudança do esforço para o acasalamento para o parental, o que pode ser

menor provável no caso dos homens homossexuais. Considerando que as variâncias explicadas das regressões realizadas apresentam valores baixos, não podemos afirmar que as diferenças na homossexualidade se devem exclusivamente à orientação sexual, por isso, novas pesquisas devem investigar além da orientação sexual, o status do relacionamento e outras variáveis para explicar as diferenças individuais entre os homens. Em resumo, os resultados encontrados evidenciam a necessidade de se incorporar aspectos do desenvolvimento, como a homossexualidade para compreender de maneira mais ampla o comportamento sexual e as diferenças individuais, sejam elas entre diferentes orientações sexuais, sejam entre diferentes contextos afetivos nos quais os homens se encontram.

Conclusão

O presente trabalho pode contribuir na discussão sobre função sexual masculina, trazendo uma visão não médica, e sem viés patológico, que considera aspectos psicológicos subjacentes à sexualidade. É de extrema relevância investigar a função sexual em homens homossexuais saudáveis, uma vez que muitos estudos selecionam amostras clínicas, principalmente de homossexuais portadores de HIV. Mas além disso, é importante estudar a função sexual de homossexuais também portadores de HIV dentro de uma perspectiva não médica. A função sexual engloba aspectos que não se resumem ao funcionamento fisiológico, dessa forma não deve ser investigada somente em termos de disfunção erétil e ejaculação precoce.

Além disso, os resultados deste estudo podem guiar novas discussões sobre as explicações das diferenças na homossexualidade de indivíduos de diferentes orientações sexuais, a partir da perspectiva da teoria da história de vida. As diferenças encontradas entre os sexos, assim como entre outras orientações dentro de um mesmo sexo, parecem não ser explicadas somente com base na teoria do investimento parental, como propõe

Schmitt (2007). Condições ambientais podem moldar as estratégias de acasalamento dos indivíduos, fato que permite explicar a variação intrassexual.

Como limitações, pontua-se a baixa variabilidade amostral, com a maioria dos participantes sendo jovens universitários. Dessa forma, generalizações dos resultados desta pesquisa devem considerar as limitações impostas pelas características da amostra. Além disso, a representatividade da amostra pode ser uma questão delicada em pesquisas com homossexuais e bissexuais, porquanto um número desconhecido desses grupos não expressa abertamente sua orientação sexual.

Referências

- Apostolou, M. (2015). Sexual Dysfunctions in Men: An Evolutionary Perspective. *Evolutionary Psychological Science*, 1(4), 220–231. doi: 10.1007/s40806-015-0026-4
- Anderson, R. U., Wise, D., Sawyer, T., & Chan, C. A. (2006). Sexual Dysfunction in Men With Chronic Prostatitis/Chronic Pelvic Pain Syndrome: Improvement After Trigger Point Release and Paradoxical Relaxation Training. *The Journal of Urology*, 176(4), 1534–1539. doi: 10.1016/j.juro.2006.06.010
- Arnocky, S., Woodruff, N., & Schmitt, D. (2016). Men's sociosexuality is sensitive to changes in mate availability. *Personal Relationships*, 23(1), 172–181. doi: 10.1111/per.12118
- Bailey, J. M., Kirk, K. M., Zhu, G., Dunne, M. P., & Martin, N. G. (2000). Do individual differences in sociosexuality represent genetic or environmentally contingent strategies? Evidence from the Australian twin registry. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(3), 537–545. doi: 10.1037/0022-3514.78.3.537
- Belsky, J., Schlomer, G. L., & Ellis, B. J. (2012). Beyond cumulative risk: Distinguishing harshness and unpredictability as determinants of parenting and early life history strategy. *Developmental Psychology*, 48, 662–673.
- Carvalho, A. M., Rodrigues, C. S., & Medrado, K. S. (2005). Oficina em sexualidade humana com adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 10(3), 377–384.
- Cove, J., & Petrak, J. (2004). Factors associated with sexual problems in HIV-positive gay men. *International Journal of STD & AIDS*, 15(11), 732–736. doi: 10.1258/0956462042395221
- Giles, J. (2008). *The nature of sexual desire*. New York: University Press of America.

- Giudice, M. D., Gangestad, S. W., & Kaplan, H. S. (2015). Life History Theory and Evolutionary Psychology. *The Handbook of Evolutionary Psychology*, 1–27. doi: 10.1002/9781119125563.evpsych102
- Goldstein, I., Young, J. M., Fischer, J., Bangerter, K., Segerson, T., & Taylor, T. (2003). Vardenafil, a New Phosphodiesterase Type 5 Inhibitor, in the Treatment of Erectile Dysfunction in Men With Diabetes: A multicenter double-blind placebo-controlled fixed-dose study. *Diabetes Care*, 26(3), 777–783. doi: 10.2337/diacare.26.3.777
- Kauth, M. R. (2007). *The Evolution of Human Sexuality*. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 18(2-3), 1–22. doi: 10.1300/j056v18n02_01
- Kirkpatrick, R. C. (2000). The evolution of human homosexual behavior. *Current Anthropology*, 41(3), 385–413. doi: 10.1086/300145
- Lallemant, F., Salhi, Y., Linard, F., Giami, A., & Rozenbaum, W. (2002). Sexual dysfunction in 156 ambulatory HIV-infected men receiving highly active antiretroviral therapy combinations with and without protease inhibitors. *JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes*, 30(2), 187–190. doi: 10.1097/00042560-200206010-00007
- Newshan, G., Taylor, B., & Gold, R. (1998). Sexual functioning in ambulatory men with HIV/AIDS. *International Journal of STD & AIDS*, 9(11), 672–676. doi: 10.1258/0956462981921332
- Silva, A. J. A. (2018). *Evidências de validade do Male Sexual Function Index em homens de diferentes orientações sexuais*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento, Universidade Federal do Pará.

- Silva, C. S. A (2016). *Função sexual e níveis de testosterona em mulheres hetero e homossexuais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Pará.
- Solomon, H. (2003). Erectile dysfunction and the cardiovascular patient: endothelial dysfunction is the common denominator. *Heart*, 89(3), 251–253. doi: 10.1136/heart.89.3.251
- Sprecher, S. (1998). Social exchange theories and sexuality. *The Journal of Sex Research*, 35, 32–43.
- Sprecher, S., Christopher, F. S., & Cate, R. (2006). Sexuality in close relationships. In A. Vangelisti, & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 463–482). New York: Cambridge University Press.
- Torres, N. B., Silva, A. J. A., Souza, M. L. R. S., Silva Júnior, M., (2019). *Sociosexuality, excitement and sexual inhibition in men of different sexual orientations*. Pôster apresentado no 3rd Meeting on Evolution of Human Behavior, Brasília, DF, Brasil.
- Wincze, J. P., & Carey, M. P. (2001). *Sexual dysfunction: A guide for assessment and treatment*. New York: Guilford.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento de estudos empíricos que investigaram a homossexualidade em diferentes orientações sexuais e pesquisar a homossexualidade, assim como a função sexual, em homens heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Especificamente, buscou-se explorar possíveis diferenças na homossexualidade e função sexual desses grupos.

Como resultado, foram encontrados poucos artigos que se dedicaram a investigar a orientação sexual dos participantes, descrevendo pouco as diferenças intrassexuais existentes no sexo masculino. Embora a homossexualidade seja investigada há mais de vinte anos, os estudos com homossexuais e bissexuais continuam escassos, resultando no desconhecimento sobre práticas e comportamentos dessa população.

Foram encontradas diferenças na homossexualidade de homens heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Homens heterossexuais demonstraram maior restrição sexual quando comparados aos homossexuais e bissexuais. Apesar dos resultados corroborarem a literatura, a orientação sexual demonstrou baixo poder explicativo. Dessa forma, as diferenças intrassexuais encontradas parecem não ser bem explicadas pelas diferenças no investimento parental da nossa espécie. Ademais, o fato de o status do relacionamento demonstrar ser preditor da homossexualidade, com homens solteiros sendo mais irrestritos que homens em relacionamento, reforça a ideia de que condições ambientais podem moldar as estratégias de acasalamento dos indivíduos.

Encontrou-se também que a homossexualidade e o status do relacionamento foram variáveis preditoras da função sexual. É interessante estudar a resposta sexual dentro de uma perspectiva psicológica que explora influências ambientais em características comportamentais. Embora os indivíduos tenham predisposições típicas da história evolutiva da espécie para a atividade sexual, fatores ontogenéticos permitem

explicar a variabilidade individual no comportamento sexual. Condições ambientais podem moldar a forma de experienciar oportunidades sexuais.

ANEXOS

Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Função Sexual, Desenvolvimento Afetivo e Sociossexualidade em homens heterossexuais e homossexuais”, de responsabilidade das pesquisadoras Adna Silva e Maria Luíza de Souza, estudantes de mestrado da Universidade Federal do Pará e Universidade de Brasília, respectivamente, sob orientação do professor Mauro Dias Silva Júnior da Universidade de Brasília.

O nosso objetivo é investigar a função sexual em homens de diferentes orientações sexuais. Além disso, vamos verificar o quanto aspectos emocionais ao longo da vida estão influenciando a vida sexual nestes homens, tais como a afetividade com a família e a personalidade.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e não há necessidade de se identificar, ou seja, o presente questionário é anônimo. Portanto, de acordo com as normas éticas para realização de pesquisas científicas, será assegurado o total sigilo quanto às informações fornecidas pelos participantes deste estudo. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa. A sua participação é de grande valor, pois buscamos desenvolver uma compreensão mais ampla sobre a qualidade de vida sexual e dos relacionamentos com parceiras ou parceiros sexuais/afetivos de homens heterossexuais e homossexuais. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A pesquisa será realizada por meio de um conjunto de questionários online, disponíveis nessa plataforma e caso você se sinta desconfortável ou incomodado, por qualquer motivo, esteja à vontade para interromper sua participação a qualquer momento. Estimamos que a sua participação seja de aproximadamente 40 minutos. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são desconforto com as perguntas sobre sua orientação sexual, relações sexuais e afetivas, e relacionamento com os pais.

Os resultados dessa pesquisa serão apresentados em forma de dissertações e em artigos científicos sem identificação dos participantes. O benefício que este trabalho poderá trazer aos participantes não é direto ou imediato, mas os resultados poderão contribuir para entender melhor o funcionamento sexual e os relacionamentos afetivos e sexuais de homens heterossexuais e homossexuais.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode nos contatar através dos telefones: Adna Silva (██████████); Maria Luíza de Souza (██████████) ou para o pesquisador responsável Mauro Silva Júnior (Tel: ██████████) ou e-mail: juniormsilva@unb.br ou ██████████), na Universidade de Brasília no telefone (61) 3107-6838.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, localizado no campus Darcy Ribeiro, Faculdade de Direito. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br e pelo telefone para contato: (61) 31071592, no horário de 8 às 12h e 14h às 18h. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado

que assegura os direitos e a segurança dos participantes envolvidos em estudos científicos. Dessa forma, qualquer pesquisa envolvendo seres humanos deve ser submetida e aprovada pelo CEP, garantindo os aspectos éticos e a integridade dos sujeitos envolvidos nas pesquisas.

Ao clicar em “Concordo” você declara que leu as informações acima e está de acordo em participar da pesquisa de forma voluntária e anônima. Caso, deseje receber uma cópia deste termo assinada pelo pesquisador responsável, por gentileza, forneça seu e-mail para envio no espaço indicado a seguir. Guarde esta cópia em caso de dúvidas ou necessite de esclarecimentos por parte da equipe de pesquisadores.

Anexo B: Questionário sócio demográfico

QUESTIONÁRIO

SOCIOECONÔMICO

Por favor, responda os itens abaixo.

1. Cidade onde você nasceu:

2. Cidade onde você mora atualmente:

3. Data de nascimento:

4. Grau de instrução:

Ensino Fundamental Incompleto	
Ensino Fundamental Completo	
Ensino Médio Incompleto	
Ensino Médio Completo	
Graduação Incompleto	
Graduação Completo	
Pós-Graduação Incompleta	
Pós-Graduação Completa	

5. Você se considera: () Branco () Negro () Amarelo () Pardo () Indígena

6. Mora com:

() Familiares () Amigo(s)
() Companheiro(a) amoroso(a)
() Sozinho () Outros.

Especifique:

7a. Durante sua infância/adolescência você cresceu com:

() Mãe () Pai () Ambos (pai e mãe)
() Outro

7b. Se você respondeu a alternativa “outro”, especifique:

8. Qual seu status de relacionamento?

() Solteiro () Namorando () Casado () Separado/Divorciado () Viúvo
() Outro _____

9. Qual sua ocupação?

10. Você está empregado (o estágio remunerado vale como emprego, se esse for seu caso indique)?

() sim () não

11. Renda individual aproximada:

12. Quantas pessoas vivem da sua renda (além de você):

13. Renda familiar aproximada:

14. Quantas pessoas vivem dessa renda (incluindo você):

15. Há quanto tempo você fez um teste de HIV (às vezes chamado de "teste de AIDS")?

() Até 30 dias
() Até 3 meses atrás
() Até 6 meses atrás
() Até 1 ano atrás
() Há mais de 2 anos
() Há mais de 3 anos
() Nunca fiz o teste
() Incerto
() Recuso responder

16. Você foi diagnosticado com HIV ou AIDS?

() Sim () Não () Incerto () Recuso responder

17. Você faz uso de algum medicamento para depressão ou ansiedade?

- Não
 Sim. Qual? _____

18. Você tem incontinência urinária (dificuldade de segurar o xixi)?

- Não Sim

19. Você tem diabetes?

- Não Sim Não sei informar

20. Você fez algum tratamento neurológico?

- Não
 Sim. Qual? _____

21. Você já fez alguma cirurgia de hemorroida, peniana, próstata ou reto?

- Não
 Sim. Qual? _____

22. Se você tem relacionamentos com homens, como você classifica seu comportamento/performance sexual:

Não tenho relacionamentos com homens

- Ativo
 Ativo/versátil
 Versátil
 Passivo/versátil
 Passivo

23. Se você tivesse que se descrever globalmente, em termos de comportamento, estilo, expressão e autopercepção. Qual tipo de homem você seria? Marque um X no número correspondente, no qual 0 corresponde a Menos Masculino e 9 corresponde a Mais masculino.

Menos
Masculino

Mais
Masculino

01 2 3 4 5 6 7 8 9

24. Em termos de conforto com a minha orientação sexual atual, eu diria que estou:

Muito desconfortável Muitoconfortável

1 2 3 4 5 6 7

Anexo C: Grade de Orientação Sexual de Klein

1) Leia com atenção a descrição de cada item e preencha a grade abaixo. Para cada item, numere de acordo com a sua resposta, considerando o **passado**: a vida toda até um ano atrás; o **presente**: até 12 meses atrás.

Agora, por favor, numere a grade abaixo, de acordo com sua resposta.

Descrição dos itens
- Atração Sexual: Por quem você se sente sexualmente atraído?
- Comportamento Sexual: Com quem você tem relações sexuais?
- Fantasias Sexuais: Sobre quem são suas fantasias sexuais? (Podem ocorrer quando você se masturba, sonha ou puramente imagina)
- Preferência Emocional: Você ama, (se relaciona afetivamente) apenas pessoas do mesmo sexo, apenas do sexo oposto ou de ambos os sexos?
- Preferência Social: Com pessoas de quais sexos você socializa?
- Preferência de vida: Qual a identidade sexual das pessoas com quem você socializa?
- Identidade Sexual: Como você se identifica?

Para as letras de (A) a (E):

1. Apenas o sexo oposto.
2. O sexo oposto predominantemente.
3. Muito mais o outro sexo.
4. Ambos os sexos.
5. Muito mais o mesmo sexo.
6. O mesmo sexo predominantemente.
7. Apenas o mesmo sexo.

Para (F) e (G):

1. Unicamente heterossexual(ais).
2. Predominantemente heterossexual(ais).
3. Muito mais heterossexual(ais).
4. Ambas as sexualidades.
5. Muito mais homossexual(ais).
6. Predominantemente homossexual(ais).
7. Unicamente homossexual(ais).

Grade de Orientação Sexual de Klein			
	Item	Passado	Presente
A	Atração Sexual		
B	Comportamento Sexual		
C	Fantasias Sexuais		
D	Preferência Emocional		
E	Preferência Social		
F	Preferência de Vida		
G	Identidade Sexual		

Anexo D: Índice de Função Sexual Masculina

Índice de Função Sexual Masculina

Instruções: Estas perguntas referem-se aos seus sentimentos e comportamentos sexuais durante as últimas 4 semanas. Responda as seguintes perguntas com a maior sinceridade e clareza possível. **Suas respostas serão mantidas completamente confidenciais.**

Para responder a estas perguntas, tenha em mente as seguintes definições:

Atividade sexual: Pode incluir carícias, preliminares, masturbação, relação sexual com penetração vaginal e/ou anal.

Relação sexual: É definida com penetração do pênis na vagina e/ou ânus.

Estimulação sexual: Inclui situações como preliminares com um(a) parceiro(a), autoestimulação (masturbação), ou fantasia sexual.

Desejo ou interesse sexual: É um sentimento que inclui a vontade de ter uma experiência sexual; sentir-se receptivo à iniciativa sexual de um(a) parceiro(a); imaginar ou fantasiar sobre ter relações sexuais.

1. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** (quantas vezes) você sentiu desejo ou interesse sexual?

- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- Às vezes (cerca da metade do tempo)
- Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

2. Nas últimas 4 semanas, como você avalia seu **nível** (grau) de desejo ou interesse sexual?

- Muito alto
- Alto
- Moderado
- Baixo
- Muito baixo ou nenhum

Excitação sexual é um sentimento de entusiasmo que inclui tanto aspectos físicos e mentais. Pode incluir sensação de calor ou formigamento nos órgãos genitais ou ereção peniana (pênis ereto).

3. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** você se sentiu sexualmente excitado durante a atividade sexual ou relação sexual?

- () Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- () Quase sempre ou sempre
- () A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- () Às vezes (cerca da metade do tempo)
- () Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- () Quase nunca ou nunca

4. Nas últimas 4 semanas, como você avalia seu **nível** (grau) de excitação sexual durante a atividade sexual ou relação sexual?

- () Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- () Muito alto
- () Alto
- () Moderado
- () Baixo
- () Muito baixo ou nenhum

5. Nas últimas 4 semanas, o quão **confiante** você estava sobre ficar sexualmente excitado durante a atividade sexual ou relação sexual?

- () Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- () Confiança muito alta
- () Confiança alta
- () Confiança moderada
- () Confiança baixa
- () Confiança muito baixa ou nenhuma confiança

6. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** você se sentiu satisfeito com sua excitação durante a atividade sexual ou relação sexual?

- () Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- () Quase sempre ou sempre
- () A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- () Às vezes (cerca da metade do tempo)
- () Algumas vezes (menos da metade do tempo)

Quase nunca ou nunca

7. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** você teve ereção durante a atividade sexual ou relação sexual?

Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas

Quase sempre ou sempre

A maioria das vezes (mais da metade do tempo)

Às vezes (cerca da metade do tempo)

Algumas vezes (menos da metade do tempo)

Quase nunca ou nunca

8. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** você teve dificuldades para ter ereção durante a atividade sexual ou relação sexual?

Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas

Quase sempre ou sempre

A maioria das vezes (mais da metade do tempo)

Às vezes (cerca da metade do tempo)

Algumas vezes (menos da metade do tempo)

Quase nunca ou nunca

9. Nas últimas 4 semanas, com que frequência você **manteve** sua ereção até completar a atividade sexual ou relação sexual?

Nenhuma atividade nas últimas 4 semanas

Quase sempre ou sempre

A maioria das vezes (mais da metade do tempo)

Às vezes (cerca da metade do tempo)

Algumas vezes (menos da metade do tempo)

Quase nunca ou nunca

10. Nas últimas 4 semanas, o quão **difícil** foi manter a sua ereção até completar a atividade sexual ou relação sexual?

Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas

Extremamente difícil ou impossível

Muito difícil

- Difícil
- Um pouco difícil
- Nada difícil

11. Nas últimas 4 semanas, quando você teve estimulação sexual ou relação sexual, com que frequência você atingiu o orgasmo (gozou)?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- Às vezes (cerca da metade do tempo)
- Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

12. Nas últimas 4 semanas, quando você teve estimulação sexual ou relação sexual, o quão **difícil** foi para você atingir o orgasmo (gozar)?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Extremamente difícil ou impossível
- Muito difícil
- Difícil
- Um pouco difícil
- Nada difícil

13. Nas últimas 4 semanas, o quanto você ficou **satisfeito** com sua capacidade de atingir o orgasmo (gozar) durante a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Muito satisfeito
- Moderadamente satisfeito
- Nem satisfeito, nem insatisfeito
- Moderadamente insatisfeito
- Muito insatisfeito

14. Nas últimas 4 semanas, o quanto você ficou **satisfeito** com a proximidade emocional entre você e sua(seu) parceira(o) durante a atividade sexual ou relação sexual?

- () Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- () Muito satisfeito
- () Moderadamente satisfeito
- () Nem satisfeito, nem insatisfeito
- () Moderadamente insatisfeito
- () Muito insatisfeito

15. Nas últimas 4 semanas, o quanto você ficou **satisfeito** com o seu relacionamento sexual com sua(seu) parceira(o)?

- () Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- () Muito satisfeito
- () Moderadamente satisfeito
- () Nem satisfeito, nem insatisfeito
- () Moderadamente insatisfeito
- () Muito insatisfeito

16. Nas últimas 4 semanas, o quanto você ficou **satisfeito** com a sua vida sexual como um todo?

- () Muito satisfeito
- () Moderadamente satisfeito
- () Nem satisfeito, nem insatisfeito
- () Moderadamente insatisfeito
- () Muito insatisfeito

Anexo E: Inventário de Orientação Sociosexual Revisado (SOI-R)**SOI-R Brasil**

Por favor, leia as questões abaixo e assinale a resposta adequada para você em cada uma delas.

1. No último ano (últimos 12 meses) com quantas pessoas diferentes você fez sexo?

0 1 2 3 4 5 a 6 7 a 9 10 a 19 20 ou
Mais

2. Até onde você lembra, em sua vida, com quantas pessoas você fez sexo apenas uma vez?

0 1 2 3 4 5 a 6 7 a 9 10 a 19 20 ou
Mais

3. Pensando na sua vida até agora, com quantas pessoas você já fez sexo sem estar interessado em um relacionamento duradouro e com compromisso?

0 1 2 3 4 5 a 6 7 a 9 10 a 19 20 ou
Mais

fantasias sobre fazer sexo com
alguém com quem você NÃO tem
relacionamento romântico
compromissado?

1

2

3

4

5

6

7

8

9